

CORREIO

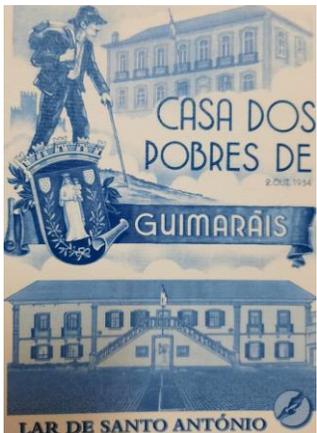
DE GUIMARÃES



1ª Guerra Mundial

A obra que Marquês de Pombal deixou em Guimarães Pág.2

A cozinha Económica no Lar de Sto. António Pág.19



As tristes Olimpíadas Racistas realizadas em 1904 simplesmente para divertimento dos brancos Pág.11;

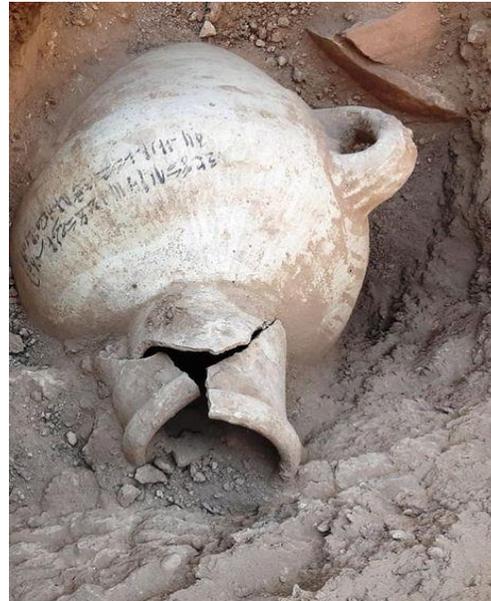
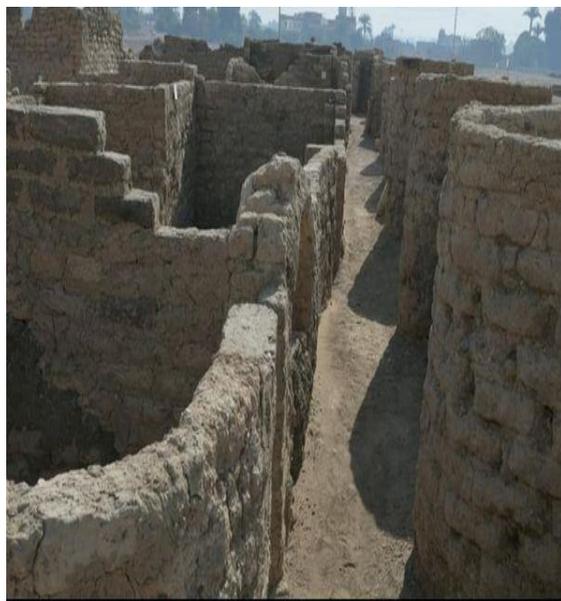


Os vimaranenses que foram combater na 1ª Guerra Mundial

PAG.3 a 9



A maior descoberta feita por arqueólogos no Egipto pág .2





Editorial – Paulo Freitas do Amaral – Diretor

A obra de Marquês de Pombal em Guimarães

Todos reconhecemos o estilo pombalino nas fachadas dos prédios do Largo do Toural em frente à Basílica de S. Pedro.

Esta foi a grande obra do Marquês de Pombal, a mando do seu Rei D. José I, em Guimarães. Quer acreditemos ou não, a influência muçulmana na península ibérica originou uma vitalidade urbana maior no sul do país do que no norte, onde Porto, Braga e Guimarães eram excepção. No entanto o grande aumento populacional durante a segunda metade do Século XV ocorrido no norte do país em cidades como Lamego, Viseu e Guimarães veio trazer a necessidade mais tardia de Marquês de Pombal criar estruturas para habitação da população e de marcá-las com o estilo semelhante ao que se fazia no resto da Europa, o nosso urbanismo. A edificação dos prédios pombalinos por volta do ano de 1791 em Guimarães não foi no entanto fácil, a nível do consentimento da comunidade vimaranense.

Os médicos da cidade de Guimarães, apoiados em certa medida pela Igreja que administrava o hospital da Santa Casa situado no Terreiro da Misericórdia, não achavam correcto a edificação de prédios com uma altura "gigante" que iria retirar a luz do dia e o ar, aos doentes de sífilis, tuberculose e outras doenças contagiosas que se encontravam no rés do chão do Hospital (onde hoje é a livraria ideal e a Adegas dos Caquinhos). No entanto, este estilo pombalino tem muita inspiração estrangeira e marca de forma determinante aquilo que se consideram de cidades de influência cristã e de influência muçulmana.

Contudo a obra de Pombal é impressionante, não só pela qualidade arquitectónica mas também pela densidade de quantidade de construções; edificações por todo o Portugal Continental e nos países de língua portuguesa, com enfoque no Brasil.

Marquês de Pombal promove por certas cidades do país, espaços urbanos geometrizados e esclarecidos, com uma produção em série de materiais completamente inovadora.

Faz reformas na Universidade criando a especialização em arquitectura.

Guimarães não é excepção das suas políticas e realmente é fantástica a visão deste primeiro ministro iluminado que num vasto Império, não se esqueceu de Guimarães.



Arqueólogos descobrem cidade do tempo dos faraós perto de Luxor

Cidade foi construída há mais de 3400 anos durante o reinado de Amenhotep III, um dos faraós mais poderosos do Egito. Equipa encontrou casas com paredes quase completas e quartos cheios de ferramentas da vida diária.

Uma equipa de arqueólogos descobriu uma grande e antiga cidade que permaneceu oculta durante séculos perto de alguns dos monumentos mais conhecidos do Egito.

“Muitas missões estrangeiras procuraram esta cidade e nunca a encontraram”, disse o ex-ministro egípcio das Antiguidades, Zahi Hawass, ao anunciar que a missão “nacional” descobriu uma cidade perdida nas areias de Luxor que recebeu o nome de A Ascensão de Aton, segundo escreve o jornal espanhol ABC.

A cidade foi construída há mais de 3400 anos durante o reinado de Amenhotep III, um dos faraós mais poderosos do Egito, disse à agência Reuters o famoso arqueólogo egípcio que supervisionou as escavações, Zahi Hawass.

O longo reinado de Amenhotep durou cerca de 40 anos e correspondeu a uma era de paz, prosperidade e de esplendor artístico no Antigo Egito. Estima-se que governou o império entre 1391 e 1353 a.C..

Inicialmente, a equipa começou uma busca por um templo mortuário perto de Luxor em Setembro, mas, passadas algumas semanas, acabou por encontrar formações de tijolos de lama que se estendiam em várias direcções.

Os arqueólogos acabaram por desenterrar uma cidade bem preservada: as casas tinham paredes quase completas, havia quartos cheios de ferramentas da vida diária, juntamente com anéis, escaravinhos, vasos de cerâmica colorida e tijolos de barro com os selos que representavam o reinado de Amenhotep.

“As ruas da cidade são ladeadas por casas, algumas das paredes chegam aos três metros de altura”, disse Hawass.

As escavações ficam em Luxor, perto dos Colossos de Memnon e dos templos de Medinet Habu e de Ramesseum, ou do templo mortuário do Rei Ramsés II, não muito longe do Vale dos Reis. “Esta é uma descoberta muito importante”, disse Peter Lacovara, director do Fundo de Arqueologia e Património do Egito Antigo, com sede nos Estados Unidos, à Reuters, que acrescentou que o estado de preservação e a quantidade de objectos do quotidiano fazem lembrar outra escavação famosa.

“É uma espécie de Pompeia egípcia antiga. A descoberta mostra a necessidade crítica de preservar esta área como um parque arqueológico”, disse Lacovara, que trabalhou na área do palácio Malqata durante mais de 20 anos, mas que não participou nas escavações.

A cidade permaneceu em funcionamento durante os reinados seguintes, tanto do filho do faraó e futuro herdeiro do trono, Amenotep IV (Akhenaton), com quem compartilhou os últimos oito anos de reinado, como do sucessor, Tutankhamon.

O local contém um grande número de fornos para fazer vidro e faiança (tipo de cerâmica), juntamente com destroços de milhares de estátuas, disse Betsy Bryan, que se debruçou durante anos no estudo do reinado de Amenhotep III. “É a segunda descoberta mais importante desde o túmulo de Tutankhamon”, disse, citada pelo jornal espanhol.

“Localizar os centros de manufactura já revela muitos detalhes sobre como os egípcios, debaixo do reinado rico de Amenhotep III, faziam o que faziam. A descoberta vai dar-nos material de estudo para muitos anos”, acrescentou.

De acordo com Brian, a cidade não só revelará como os antigos egípcios viviam numa época em que “o império estava no seu auge”, mas também pode ajudar a deslindar “um dos maiores mistérios do mundo”: o porquê de Akhenaton e a rainha Nefertiti terem decidido mudar-se para Amarna, região onde a nova capital imperial foi construída no século XVI a.C..

A cidade estende-se a oeste até uma antiga vila de trabalhadores que, de acordo com referências históricas, incluía três dos palácios de Amenhotep III e o centro administrativo e industrial do império, disse ainda Hawass, responsável pela descoberta. Fonte: jornal público



As consequências da Guerra - os efeitos psicológicos.

(Francisca Sousa - Estudante universitária de História - Universidade do Minho)

Ao analisar as Guerras que ocorreram ao longo da História, deparamo-nos com um conjunto vasto de consequências resultantes das mesmas: económicas, sociais, perdas humanas, etc. A questão dos danos mentais causados pela Guerra é raramente abordada – o que parece um pouco contraditório, visto que estudos comprovam a importância da sanidade mental para a recuperação física, neste caso, dos soldados durante o pós-guerra. Nas estatísticas das mortes de Guerra, eram contabilizados os mortos em batalha, os que saíam da batalha com ferimentos, mas morriam após o registo nos cuidados médicos, e os que sobreviviam no campo de batalha, mas que morriam mais tarde nas unidades de cuidados médicos; deste modo, eram deixados de parte os suicídios causados por distúrbios mentais.

A questão da saúde mental adquiriu mais importância após a Primeira Guerra Mundial, o conflito devastador que assolou a Europa entre 1914 e 1918. A sua brutalidade contribuiu para o aumento dos distúrbios mentais dos soldados, sendo que muitos não tinham palavras para descrever o que presenciaram.

O número de inválidos por causas psicológicas aumentaram – o que tornou importante o seu estudo. Neste período foram importantes os estudos de Pierre Janet e Sigmund Freud; nasce o conceito de “Shell-stock”, que denomina o conjunto de danos emocionais e neurológicos que provém da sujeição do indivíduo ao combate – não se fala de danos físicos, apenas de um trauma neurológico. Este era, no entanto, um conceito muito global, sendo que uma das suas principais críticas é o facto de não ter em consideração casos particulares – que deveriam ser devidamente estudados de forma a determinar quem seria ou não capaz de combater.

À medida que os estudos do ramo da saúde mental progrediam, inicia-se a Segunda Guerra Mundial. Aos recrutas é exigido um exame psicológico, no entanto, este não é preciso, pois não estuda as reações dos indivíduos na situação de batalha. Agora, os problemas mentais começam a ser associados a sintomas físicos, como falta de ar ou palpitações no peito, e o uso de comprimidos para acalmar os soldados cresce. Embora se registem estes progressos, ainda muitos problemas mentais nos soldados são encarados como um “mau temperamento”.

Com o término do período das Guerras Mundiais, e iniciada a Guerra Fria, dá-se um dos maiores conflitos da época – a Guerra do Vietname. Entre 1955 e 1975, o uso de drogas cresceu, sobretudo de ópio, heroína e marijuana. Estas substâncias eram muito consumidas por soldados, que rapidamente passavam a um estado de êxtase – as drogas representaram um escapar à violenta realidade do Vietname. Durante este conflito, surgiu um novo e importante conceito da psicologia, que mudou o panorama vigente acerca da doença mental e é ainda utilizado nos dias de hoje – o “transtorno de stress pós-traumático”. Este transtorno surge após um acontecimento traumático, que deixa uma marca psicológica no indivíduo, que fica perturbado ao recordar o evento e pode desenvolver outras doenças do foro psicológico, como depressão.

Embora durante estes conflitos do século XX se tenham realizado importantes progressos relativamente à saúde mental e às consequências de eventos traumáticos no psicológico, ainda surgem uma série de questões – como por exemplo, se todos estes conceitos podem ser aplicados de forma universal ou não.

Esta é uma temática aberta a discussão nos dias de hoje, até porque a reabilitação mental dos que participaram na Guerra – quer de forma direta ou indireta – ainda não é uma prioridade.

Legenda: Um soldado da Companhia K, do 110º Regimento da Infantaria, apenas ferido, a receber primeiros-socorros. Varennes-en-Argonne, França, 26 de setembro de 1918. Fonte: <https://www.theatlantic.com/.../world-war-i-in.../507338/>



Infantaria 20 e o centenário da batalha de La Lys

Não era fácil a vida em Guimarães no ano da des(graça) de 1918, cem anos atrás, politicamente marcada pelo triunfo do sidonismo e da denominada “Nova República” de cariz antiparlamentar e presidencialista, que intramuros se traduziu pela perseguição à gestão republicana e aos seus colaboradores. Porém, o pior de tudo estaria nas condições de vida dessa época, subsequente dos tempos de guerra e pandemias.

Com efeito, embora a paz tenha chegado nos inícios de novembro com o armistício, levando a cidade a rejubilar com manifestações de rua, casas embandeiradas, repiques de sinos e música pela Nova Filarmónica Vimaranesa, o ano de 1918 foi desgraçadamente vivido em estado de desgraça(s).

Ora, uma dessas desgraças ocorreria exatamente a 9 de abril de 1918. De facto, data desse dia a fatídica Batalha de La Lys, travada na Flandres, na qual lutaram milhares de homens do Corpo Expedicionário Português (CEP), entre os quais se integravam os militares do Regimento de Infantaria nº. 20, aquartelado no Paço dos Duques, que seriam integrados na 2ª. Divisão do CEP e 4ª. Brigada: a denominada “Brigada do Minho”. Uma brigada militarmente prestigiada, constituída por infantaria 8 e 29 de Braga, infantaria 3 de Viana do Castelo e infantaria 20 de Guimarães, que além da sua unidade orgânica possuía também uma forte unidade animista, dotada de intrínsecos laços sinérgicos, como se constata na sua canção:

“IV Brigada, o Minho em nós confia

Seu nome honrado entregou em nossas mãos

E seu nome, que soou, de sempre, a valentia

Aos quatro batalhões, - unidos como irmãos

Tudo a mesma Família – há de servir de guia.

Porém e apesar destes fortes laços afetivos e regionais que a todos prendia, La Lys foi uma funesta batalha para a Brigada do Minho e para infantaria 20, em particular. Efetivamente, “La Lys resultou numa verdadeira tragédia humana para os 21 oficiais e 725 praças de Infantaria nº. 20, que num só dia viu o seu número de efetivos reduzido para 300 homens” – escreve o major Dorbalino Martins no seu “Estudo de pesquisa sobre a intervenção portuguesa na 1ª. Guerra Mundial (1914-1918), na Flandres”.

Uma pesada derrota, que de acordo com um relatório do general Gomes da Costa teria causado ao CEP, na frente da Flandres, a morte de 2288 homens, dos quais 87 oficiais, enquanto os feridos atingiram 5232 militares, entre os quais 332 oficiais; de igual modo, um grande número de prisioneiros que ascenderam a 14601 homens, 238 dos quais desaparecidos. Desastre que porventura apenas fora superado em Alcácer Quibir, em 1578.

Contudo, não foi por falta de valentia que infantaria 20 cederia, eles que dias antes, a 12 de março, haviam rechaçado o inimigo, o que lhes valera um louvor por parte do Quartel General. Fora isso sim e fundamentalmente, uma derrota decorrente da falta de meios e apoios, mas também resultante do estado de exaustão das nossas tropas, que na altura aguardavam ansiosamente a sua substituição, protelada por falta de barcos de transporte. E, claro, devida à matreirice das tropas alemãs, que em supremacia numérica e em armamento pesado, atacaram impiedosamente e em força, aproveitando o desânimo psicológico dos portugueses e a falta de reforços, bem como o desguarnecimento dos nossos flancos, motivado pelo recuo de posições das tropas britânicas.

Aliás, uma derrota perdida com bravura e valentia, como o reconheceria com galhardia o exército inimigo, que nas campas dos portugueses inscreveram em pedaços de madeira, respeitosamente: “Aqui jaz um valente camarada português. Militares portugueses que atualmente, na sua maioria, estão sepultados no cemitério militar português de Richebourg, em França.

Este reconhecimento e louvor à Brigada do Minho seria posteriormente corroborado por vários testemunhos. Por exemplo, na carta de Vasco de Carvalho, do Estado Maior da 2ª. Divisão, dirigida ao coronel Adolfo Almeida Barbosa, datada de 3 de dezembro de 1922:

“Sacrificou-se como nenhuma outra, porque nenhuma outra Brigada teve a permanência continuada em 1ª. linha o tempo que ela suportou.

Por isso, chegou a 9 de abril cheia de fadiga, desfalcada, absolutamente necessitada de imediato repouso e urgente reconstituição.

Tendo-lhe sido pedido mais algum tempo de sacrifício, ficou na linha. Foi assim que o inimigo a foi encontrar, guarnecendo o sector Fauquissart.

De modo como ela se comportou nessa tremenda batalha, V.Exª. meu coronel, que então a comandava, melhor que eu poderá falar.



Infantaria 20 e o centenário da batalha de La Lys (continuação)

Se todos fizeram o que puderam e resistiram, como lhes foi possível, de justiça é dizer-se que de todas as Brigadas da Divisão a do Minho foi a única, que manobrou e combateu como uma unidade de batalha (...)

Foi também e talvez por isso a que mais sofreu. As suas enormes perdas darão ao historiador ideia do seu tenaz combater”,

Mas para além das perdas humanas, a guerra traria ainda a especulação e a fome. Com efeito, a subida de preços dos géneros de primeira necessidade, como o petróleo, milho, azeite e o feijão, provocariam várias movimentações operárias de descontentamento e de protesto em Guimarães.

Além disso e fazendo jus à máxima que um mal nunca vem só, cidade padeceria ainda com epidemias e doenças, em especial o tifo exantemático. De tal forma que, a 24 de julho, uma procissão saiu da Igreja de S. Francisco, acompanhada de muito povo, implorando o termo da guerra e o fim da doença, manifestação religiosa que seria antecedida por preces e um sermão do Padre Gaspar Roriz.

Contudo e como não bastasse, a doença voltaria em força, especialmente no outono, com um surto de gripe broncopneumónica, que ficaria conhecida como a gripe espanhola, pandemia tremendamente letal, que causaria imensos óbitos na cidade, no país e no mundo.

Porém, o nosso propósito é fundamentalmente recordar o Regimento de Infantaria 20, neste centenário da Batalha de La Lys. Efetivamente, criado por carta régia de 5 de novembro de 1884 (o ano de ouro de Guimarães), o regimento receberia em 1907 a denominação de “Regimento de Infantaria nº. 20 do Infante D. Manuel” e era de facto, no dealbar do século XX, a “menina dos olhos” dos vimaranenses, quer nos momentos de festa quer nos momentos de tristeza. De facto, este regimento aquartelado no “ casarão negro e em osso”, por onde passaria o alferes Raul Brandão, anos antes e que aí, posteriormente, exerceria funções de bibliotecário em 1918/1919, após aposentação, era orgulhosamente querido e acarinhado pelas gentes de Guimarães. Prova-o, desde logo, a despedida na estação do caminho de ferro, em 22 de maio de 1917, noticiada pelo Comércio de Guimarães, quando as tropas de infantaria 20 rumaram, via Lisboa, ao porto de Brest, em França:

“A partida destes homens, na sua totalidade tirados à lavoura, ao comércio e à indústria, como era de esperar, encheu de emoção cidade de D. Afonso Henriques. Durante horas e horas

Guimarães parecia mergulhada nas trevas dum grande luto, dum grande dor. Para cima de vinte mil pessoas assistiram à partida”.

Todavia e entretantes, ao longo dos anos, suceder-se-iam as homenagens, em complemento das condecorações militares com a Cruz de Guerra de 1ª Classe, atribuídas ao regimento pelas autoridades militares, em 21 de abril de 1923 e 31 de março de 1926, atendendo “aos brilhantes feitos praticados nos campos de batalha e serviços relevantes prestados”, em especial na defesa do sector de Fauquissart, na batalha de La Lys.

Ademais, também Guimarães homenagearia a sua infantaria 20. Deste modo, nas Gualterianas de 1924, um cortejo evocativo entre o Toural e o Paço dos Duques seria organizado, descerrando-se neste local uma lápide alusiva. Outrossim, no cemitério da Atouguia seria erigido um monumento aos mortos em combate, que também se encontram recordados na toponímia da cidade, quer na Rua dos Combatentes da Grande Guerra quer na Rua Capitão Alfredo Guimarães, um herói vimaranense falecido em combate integrado na “Brigada do Minho” (ver texto em separado).

Mas, La Lys seria ainda evocada teatralmente na cidade berço. Com efeito, na última cena do episódio dramático em 2 atos intitulado “O Herói Minhoto”, que seria representado no dia 10 de abril de 1922 no Teatro D. Afonso Henriques, pelos sargentos de infantaria nº. 20, em benefício dos órfãos da guerra, esta infausta batalha seria recordada. Respigamos dessa cena breves passagens, cujo texto é de autoria do Padre Gaspar Roriz

“Nós vimos lá cair, prostrados no chão,

depois da dor atroz, nas vascas da agonia

alguns nossos irmãos e o nosso Capitão

heroico e valoroso, o Capitão Faria!

Era em Nove de Abril!...Que luta, que pavor!

Oh! Deve ser assim o bátratro infernal

Pairava sobre nós a morte, o luto, a dor

Mas nós, inda uma voz, honramos Portugal



. Regimento vimaranense n 20 a caminho da estação de comboios de Guimarães com o objetivo de ir combater na 1 Guerra Mundial (batalha de La Lys em França)

Infantaria 20 e o centenário da batalha de La Lys (continuação)

Uma passagem na qual se alude ao falecimento do capitão José Vieira de Faria, de 31 anos, figura importante da sociedade vimaranense, que já havia participado em duas campanhas africanas.

Porém, vários são os nomes de infantaria 20 que perderam a vida neste confronto e imensos os feridos e prisioneiros resultantes desta batalha:

“Eu estava em Fauquissart ... Caíram um a um,

feridos mortalmente os nobres camaradas.

Olhei, tornei a olhar: nenhum, não vi nenhum

Só eu estava exposto à chuva das granadas.

(...)

Eis o que foi La Lys: um gesto soberano

que a força subjugou – um trágico revés,

no qual se afirmou o brio lusitano,

a honra e o valor do povo português!

Eu creio que há de vir o dia da Vitória!

Oh, sim, hemos de ouvir um hino triunfal!

Veremos a figura austera da História

c’roando a fronte altiva do velho Portugal.

Todavia e não obstante a sua coragem e bravura, o RI 20 seria extinto, por ordens da ditadura militar, que pôs termo à I República. As razões terão sido obviamente políticas e provavelmente assentarão em duas ocorrências significativas: a primeira decorrente da recusa do regimento em aderir ao 28 de maio de 1926; e, a segunda, resultante da sua rebelião contra a ditadura militar, em fevereiro de 1927, que terminaria com a derrota dos revoltosos.

Com efeito, numa página manuscrita do diário do alferes Silvestre José Barreira (1876-1929), um dos sobreviventes de La Lys (pelo facto de na altura ter sido evacuado por doença), que nos foi facultado pelo seu neto Silvestre Barreira, parece indiciar claramente essas motivações políticas:

“28 de maio:

Dia em que teve início um movimento revolucionário militar, chefiado pelo general Gomes da Costa que para tal veio para Braga em 27. Fui convidado para entrar neste movimento na noite de 27; recusei-me, bem como todos os oficiais de inf^a. 20, recusa que todos mantivemos até final exceto o cap. Machado, tenente Matos e alferes Pinheiro, que por motivos da última hora foram levados a aderir”.

Coincidências ou não, o que é certo é que o RI 20 foi politicamente extinto, ainda que a pretexto de se visar o restauro e a devolução da dignidade ao Paço dos Duques e ao espaço épico envolvente do “altar da Pátria”, sito à Colina Sagrada. No entanto e bom grado essa reabilitação ter sido consumada, o RI 20 jamais seria devolvido à cidade, que agora só o pode recordar em fotos e na sua bandeira, que fora benzida na Igreja de S. Francisco em abril de 1886. Bandeira que andava perdida, mas que graças à ação de Carlos Sousa e João Lopes seria recuperada.

Deste modo, no próximo dia 9 de abril, a Casa da Memória vai evocar La Lys e infantaria 20, em sessão pública a decorrer pelas 18 horas. Um evocação que contará com uma exposição alusiva e com a presença de Carlos Sousa e do ex-tenente João Lopes, que prometem novas revelações sobre La Lys, a Brigada do Minho e especialmente sobre “o 20 de Guimarães na Primeira Grande Guerra (1914-1918)”, assim se intitula o artigo de Carlos Sousa publicado no Boletim de Trabalhos Históricos (série III, vol. IV) de 2015, que, ao que consta, deverá ser aditado e reformulado.

Quiçá, porque há coisas que se extinguem mas permanecem na memória, como os dinossauros, não tanto por serem grandes, mas porque ostentam grandeza ...

Texto de Álvaro Nunes



Foto:Regimento vimaranense n 20 em Lisboa antes de partir para a 1 Guerra Mundial (batalha de La Lys em França)

Alfredo Guimarães – O Herói Vimaranense de La Lys



Um dos heróis da Batalha de La Lys, falecido na frente de combate em 9 de abril de 1918, foi o capitão Alfredo Guimarães, vimaranense nascido na freguesia de S. Paio, em 22 de abril de 1884.

Filho de pais adotivos, João Lopes Cardoso Guimarães e Rita Maria Ribeiro de Castro Guimarães, ambos naturais de Ronfe, Alfredo Guimarães foi, com efeito, um dos milhares de homens que pereceram nessa trágica batalha na Flandres, há mais cem anos atrás e que hoje, como muitos outros, jaz no cemitério português de Richebourg, em França.

De facto, incorporado na Brigada do Minho, enquanto oficial observador do Regimento de Infantaria nº. 29 (embora pertencesse a cavalaria nº.2), Alfredo Guimarães distinguiu-se heroicamente nesta fatídica batalha, apesar da desconfiança inicial que despertara entre seus homens, pela sua postura original e singular. De facto, como “trajava uniforme de coiro preto da aviação, desconhecido nas trincheiras e, como era louro e vermelho, quiseram ver no seu traje original um disfarce propício a ocultar o papel de espião” - lê-se num artigo da revista “Guerra” intitulado “Um cavaleiro na Flandres”, de autoria do tenente-coronel Francisco Aragão, republicado no periódico vimaranense “A Velha Guarda” de 2 de setembro de 1928. De facto, Alfredo Guimarães tentara altos voos como aviador, na Escola de Guerra, que todavia não concluiria. Deste modo, os seus adejos ater-se-iam tão-somente aos volteios celestiais da honra e da glória, ironicamente conquistados em terra e nas trincheiras, como nos conta a fonte citada:

“Conheci com intimidade Alfredo Guimarães que foi do meu curso na Escola de Guerra e a quem me prenderam depois laços da melhor camaradagem na aviação. E nas longas conversas que tivemos na pista de Vila Nova da Rainha e no meu quarto na Escola – que pouco a pouco se transformou no clube mais concorrido do campo - (...) Era então seu instrutor - e logo passados os primeiros dias de voarmos juntos o desenganei, dizendo-lhe com amiga franqueza o que até aí outros lhe tinham escondido, também por amizade. Era uma pessoa fisicamente incompatível com o serviço da aviação, para o qual, aliás sobejaram tantas qualidades morais “(...)

Qualidades que, prossegue o citado testemunho, o revelavam “inabalável na sua resolução de se chegar à frente fosse como fosse, desse por onde desse” . E assim seria de facto, a 9 de abril de 1918:

“Estava no apoio quando se iniciou o bombardeamento formidável que precedeu o ataque do dia 9. E é já sob a ação terrivelmente destruidora desse bombardeamento que avança com o seu pelotão para a frente a reforçar as forças de infantaria 8 que guarneciam as trincheiras da 1ª. linha. Aí, resiste a luta até à aproximação dos alemães, conseguindo retirar, sempre perseguido pelo fogo dos atacantes que lhe abateu muitos dos seus homens soldados. Mas, a sua energia - que a excitação da luta torna dura e inexorável -, manteve ordenadamente a retirada que se estende até ao posto de comando do batalhão. Lá encontra, impassível perante o esfacelar da Brigada, que se pressente, o intrépido comandante do 29 e dele recebe com palavras de incitamento e de louvor 20 soldados que logo o acompanham e que ele arrasta através da chuva de granadas e de balas até aos postos de apoio. Quando uma hora depois de lá volta, está ferido e o sangue já lhe ensopa a camisa e a farda; mas as suas primeiras palavras para o comandante não são de desânimo, nem de renúncia - pede-lhe de novo soldados para contra-atacar o inimigo! Nem os tinha já o major Xavier da Costa que via

fundidos com metralha ou soterrados nos abrigos 500 homens do efetivo que o batalhão contava. Guimarães é mandado acompanhar a Brigada – para ser devidamente pensado e evacuado. E consegue chegar vivo a Laventie. À entrada da Rua Enfer junto do estaminé que os nossos chamam de Palha, reconhece ocupada por portugueses e ingleses, uma trincheira. E já não pensa no ferimento, nem no penso, nem no posto de socorro. Insistem para que se retire, mas recusa-se a fazê-lo e ali fica a afrontar mais uma vez a morte, que já tanto e tanto o respeitava. Não pude saber como caiu para sempre o Cavaleiro 29 e a sua campa que foi posteriormente encontrada, não conta das horas belas da luta que sustentou e dos momentos dolorosos de sofrimento e de angústia que viveu.

Mas a energia indomável com que cumpriu o seu dever e se excedeu cumprindo-o até morrer, a determinação com que lutou, marchando duas vezes, para a metralha a seu pedido e vendo recusado o seu terceiro oferecimento quando, já ferido, o renovava, e a espontânea decisão com que se junta aos últimos elementos de defesa junto a Laventie, falam bem alto do ardente espírito de lutador, que sempre conservou através de todas as duras circunstâncias desse seu último dia de vida”.

Alfredo Guimarães seria promovido a capitão e condecorado com o grau de Oficial da Torre, do Valor, Lealdade e Mérito e com a Cruz de Guerra da 2ª. Classe pelos seus prestimosos serviços prestados na I Grande Guerra (1914-1918), enquanto militar integrado na Brigada do Minho, formada por infantaria 20 de Guimarães, infantaria 8 e 29 de Braga e infantaria 3 de Viana do Castelo.

Outrossim, a sua cidade berço consagraria seu nome na toponímia urbana, de acordo com uma proposta que seria aprovada por unanimidade na sessão camarária de 15 de agosto de 1924. Concretamente, na Rua Capitão Alfredo Guimarães que proveniente da confluência da Rua Dr. Joaquim de Meira com Avenida General Humberto Delgado, desemboca na rotunda do campus de Azurém da Universidade do Minho.

Nascido e falecido em abril, Alfredo Guimarães é por isso (mais) um dos nossos heróis desses tempos difíceis ...

Texto de Álvaro Nunes



Em Memória do RI nº20 e da Batalha de La Lys - (Foto da partida de comboio de Guimarães com os soldados para a 1ª Guerra Mundial) - Texto de Álvaro Nunes

Guimarães e suas gentes estiveram presentes na I Grande Guerra de 1914-1918 e o seu Regimento de Infantaria nº. 20, aquartelado no Paço dos Duques de Bragança, foi um dos contingentes que avançou para as trincheiras, na Flandres, combatendo na trágica Batalha de La Lys, em 9 de abril de 1918, integrado na denominada Brigada do Minho e no Corpo Expedicionário Português (CEP), passam agora cem anos. O capitão Silvestre José Barreira (1876-1929), na altura ainda alferes do Regimento de Infantaria nº. 20, foi um desses homens mobilizados e um dos sobreviventes de La Lys, como o documenta o seu diário, cedido por seu neto Silvestre Barreira, que nos faculta os passos fundamentais da sua guia de marcha para a frente de combate:

“10 de outubro de 1916:Neste dia marchei para Tancos com o 1º. Batalhão de infantaria 20, que com o efetivo em pé de guerra ali foi receber instrução de preparação para a guerra.

20 de novembro de 1916:Dia em que regressei de Tancos com o batalhão a que pertencia (...)22 de maio de 1917:Dia da minha partida para Lisboa, a fim de seguir para França, fazendo parte do corpo expedicionário”.De facto, o R.I. 20 partia para França a 22 de maio, da estação de caminho de ferro de Guimarães, rumo a Lisboa e posteriormente ao porto de Brest, como o documenta o Comércio de Guimarães dessa data:“ A partida destes homens, na sua totalidade tirados à lavoura, ao comércio e à indústria, como era de esperar, encheu de emoção a cidade de D. Afonso Henriques. Durante horas e horas Guimarães parecia mergulhada nas trevas dum grande luto, dum grande dor. Para cima de vinte mil pessoas assistiram à partida”.Porém, o alferes Silvestre Barreira, promovido a tenente em 26 de dezembro, não vivenciaria os dois principais focos de combate dessa frente de operações, no sector de Fauquissart, uma vez que a 11 de março de 1918 fora evacuado por doença.

De facto, a 12 de março, infantaria 20 conseguiria rechaçar um violenta investida inimiga, que lhe valeria um louvor por parte do Quartel General. Todavia, a 9 de abril, em La Lys, nada seguraria os alemães.Efetivamente, escreve o major Dorbalino Martins no seu estudo de pesquisa sobre a intervenção portuguesa na Flandres:“La Lys resultou numa verdadeira tragédia humana para o Batalhão de Infantaria nº. 20, que num só dia viu o seu número de efetivos reduzido para 300 homens”.

Com efeito, a pesada derrota de La Lys causaria ao regimento vimaranense a perda de cerca de 725 praças e 21 oficiais, entre os quais os capitães José Vieira de Faria e o tenente Januário Guerra, bem como a morte do vimaranense Alfredo Guimarães, capitão de cavalaria da Brigada do Minho, este último recordado na toponímia da cidade, que também consagra e recorda estes heróis na Rua dos Combatentes da Grande Guerra, a maioria sepultada no cemitério militar português de Richbourg, em França.

Não foi porém por falta de coragem que infantaria 20 e a Brigada do Minho não refrearam os raids inimigos. Acima de tudo, a derrota, deveu-se à falta de apoios e reforços, face à supremacia alemã em material pesado e homens, mas acima de tudo ao estado de exaustão das tropas portuguesas, que desmoralizadas aguardavam há muito a sua substituição nesta frente de combate. E, como não bastasse, não puderam ainda contar com os britânicos, que, recuando nas suas posições desguarneceram os nossos flancos.Porém e apesar da derrota, o R.I. 20 mereceria em 21 de abril de 1923 e 31 de março de 1926 condecorações militares da Cruz de Guerra de 1ª. Classe pelos brilhantes feitos e serviços relevantes prestados e pela sua bravura (inglória).Guimarães também homenagearia o seu amado regimento, que animava as suas festas desde a sua criação por carta régia de 5 de novembro de 1884 e que após a guerra viveria tempos de luto. De facto, nas Gualterianas de 1924 um cortejo evocativo desfilaria do Toural ao Paço dos Duques e prestaria preito ao regimento; e em 3 de agosto de 1927, sua bandeira seria condecorada em reconhecimento pela sua valentia. Mais tarde, em 1936/37, um monumento aos mortos em combate seria ainda erigido no cemitério da Atouguia.No entanto e não obstante os valiosos serviços prestados, o R.I. 20 aquartelado no “casarão negro e em osso” do Paço dos Duques, assim o caracterizou o alferes Raul Brandão anos antes, acabaria por ser extinto em 1927, por ordem da ditadura militar antiparlamentar que destituiu a I República.As razões para a sua extinção talvez estejam subjacentes na rebelião do regimento contra a ditadura militar em fevereiro de 1927, mas também, quiçá e plausivelmente pela sua atitude assumida em 28 de maio de 1926, como nos conta o diário do capitão Silvestre Barreira.

28 de maio de 1926:Dia em que teve início um movimento revolucionário militar, chefiado pelo General Gomes da Costa que para tal veio para Braga em 27. Fui convidado para entrar neste movimento na noite de 27; recusei-me, bem como todos os oficiais de infª. 20, recusa que todos mantivemos até final exceto o cap. Machado, tenente Matos e alferes Pinheiro, que por motivos de última hora foram levados a aderir”.De facto, em 1918, cem anos atrás, a cidade resistiria à guerra, à fome, desemprego e subida de preços dos géneros de primeira necessidade e enfrentaria o tifo exantemático e a pandemia da gripe pneumónica, conhecida por gripe espanhola, que dizimou as populações com violência. E rejubilaria ainda, com manifestações de rua, casas embandeiradas, repique de sinos e música pela Nova Filarmónica Vimaranense ao armistício celebrado em novembro.

Porém estava para além das suas forças aguentar em La Lys, ou enfrentar a prepotência do poder político emergente do Estado Novo que lhe usurparia o seu acarinhado R.I. 20.

Mais uma vez os vimaranenses não esqueceram o seu regimento e por isso em 9 de abril próximo a Casa da Memória vai evocar a data e homenagear os seus heróis de infantaria 20, com um programa evocativo que contará com o ex-tenente João Lopes e Carlos Sousa, autor do texto “O 20 de Guimarães na Primeira Grande Guerra (1914-1918), inserido no Boletim de Trabalhos Históricos de 2015, numa palestra em que estão prometidas novas revelações.

Um sobrevivente de La Lys (vimaranense) - Texto de Álvaro Nunes

Quase no mês da liberdade, prosseguimos com a(s) memória(s) e a(s) histórias da Batalha (perdida) de La Lys, evocando alguns vimaranenses que nos honraram neste combate. Desta feita, o herói é um sobrevivente.

De facto, José Joaquim Machado Guimarães Júnior, foi outro dos muitos vimaranenses que estiveram presentes na Batalha de La Lys, em 9 de abril de 1918. Nascido em Ronfe, em 17 de fevereiro de 1890, descendente de uma família trabalhadora dos teares do Vale do Ave, licenciou-se em medicina na Escola Médico-Cirúrgica do Porto, quando o país já se encontrava envolvido no conflito europeu da Grande Guerra Mundial de 1914-1918.

Deste modo, como muitos outros jovens da sua geração, alistou-se voluntariamente no exército, tendo sido integrado no 3.º Grupo da Companhia da Saúde, no Serviço Médico do Corpo Expedicionário Português (CEP), ficando adstrito ao Batalhão de Infantaria nº 15, com a patente de tenente-médico miliciano.

Nuno Borges de Araújo, seu neto, contou-nos alguns desses dias negros na frente da Flandres, guardados no baú das memórias familiares:

José Joaquim era médico, mas também soldado e lutador, que não podia ver os seus compatriotas em perigo. Por isso e embora não fosse da sua competência intrometer-se na frente de combate, consta que por vezes o fazia. Numa dessas ocasiões teria mesmo subido a uma torre de uma igreja semiarruinada e feito bom uso da sua Lewis (metralhadora americana carinhosamente conhecida por Luísa entre as tropas portuguesas). Porém, a despeito de não existirem registos de combates, nem menções diretas a essas refregas esporádicas, o que é certo é que no dia 24 de outubro de 1917 seria louvado “por serviços que não são da sua profissão”.

Ora, o tenente-médico José Joaquim esteve também em La Lys, naquela lúgubre madrugada, tendo sido inicialmente dado como desaparecido.

Todavia, de facto, o seu avô seria aprisionado nesse 9 de abril, já despojado dos seus galões de oficial, que ele próprio retirara como salvaguarda física, perante eventuais interrogatórios e/ou execução. É com efeito, nesta postura, que o seu rosto surge num postal germânico, à frente de uma coluna de prisioneiros portugueses, imagem que constava na internet, em arrematação por um leiloeiro, cujo paradeiro é agora desconhecido.

Após a detenção, José Joaquim viveria em dois campos de prisioneiros alemães até ao fim da guerra e aí passou fome e sofreu privações diversas, ante as deploráveis condições do campo de concentração, que lhe valeram a perda de 30 quilos de peso. Aí, terá também usado expedientes diversos de sobrevivência, como os demais, trocando agulhas por ovos ou lavando a roupa em charcos, para garantir os mínimos de asseio.

Contudo, com o armistício e a paz, acabaria por regressar ao CEP e embarcaria no navio inglês Hellenus rumo a Lisboa, onde chegou em 29 de janeiro de 1919. Vivo mas debilitado, ficaria porém com a voz alterada, devido às inalações de gases, mas manter-se-ia ao serviço até 1945, após sua promoção a capitão-médico em 23 de novembro de 1921, patente que manteria até ao fim da carreira, ao que dizem devido a uma agressão que sofrera e da qual se defendera e/ou decorrentes suas simpatias monárquicas.

Já na sua pátria, no pós-guerra, seria condecorado com a Cruz de Guerra de 2.ª- classe pela grande coragem, valor e mérito demonstrada em La Lys, enquanto profissional médico, no decurso dos bombardeamentos. Receberia ainda a Medalha da Vitória, medalha de prata comemorativa das campanhas do CEP e seria agraciado com a Ordem da Torre e Espada do Valor, Lealdade e Mérito “por ter prestado com maior dedicação e zelo serviços da sua

especialidade debaixo de fogo inimigo na batalha de 9 de abril de 1918, sendo aprisionado no mesmo dia em Lacouture no posto de socorros, onde estava pensando feridos, serviço que nesse dia lha não pertencia e para o qual se ofereceu”.

Porém, recusar-se-ia a pagar a medalha que com que fora galardoado, visto que, como dizia, se a tinham atribuído e uma vez que fora ganha, dever-lhe-ia ser dada e não paga. Um episódio que, no fundo, evidencia a sua determinação e princípios, que também demonstrara no percurso ímpoluto, voluntarioso e corajoso revelado no teatro de operações, na Flandres.

Entre outras histórias familiares, conta-se ainda que em 28 de maio de 1926 terá apoiado o pronunciamento militar do general Gomes da Costa, de quem teria sido guarda-costas. De igual modo, sabe-se que terá sido incumbido da inspeção dos quartéis opositores ao movimento. Nesta missão teria inclusive ameaçado o comandante do quartel de Chaves, com o revólver em cima da mesa, a escolher entre a adesão ao movimento ou a rendição.

Ademais e segundo os seus familiares, José Joaquim continuou a exercer a profissão médica nas Caldas das Taipas, bem como inspeções militares em Braga, terminando a sua vida na Quinta de S. Miguel, em S. Clemente de Sande, após ter ficado viúvo da sua segunda mulher. Faleceria em 14 de novembro de 1952, vítima de um derrame cerebral. Dele, os seus familiares guardam saudosas recordações das suas vivências, conservando muito do seu espólio: fotografias, documentos, assim como a sua farda e acessórios diversos.

“A memória é o perfume da alma”, já dizia George Sand. Quiçá, por isso, muitos cuidemos em preservá-la viva, como espelho de observação de nós próprios e dos nossos queridos ausentes.

Em Lacouture um monumento aos mortos da Grande Guerra, dedicado aos portugueses, inaugurado em 11 de novembro de 1928, evoca esse esforço lusitano na defesa da democracia e da liberdade.

Álvaro Nunes



Vestígios arqueológicos achados na Feira Popular em Lisboa

Os terrenos da antiga Feira Popular de Lisboa, na zona de Entrecampos, estão a ser palco de uma escavação arqueológica alargada, verificando-se vestígios de períodos diferentes, inclusive de cronologia romana, avançou hoje a empresa proprietária Fidelidade.

“Foram desenvolvidos em 2019 um conjunto de sondagens arqueológicas distribuídas por toda a extensão do terreno”, indicou a Fidelidade à agência Lusa, explicando que os terrenos da antiga Feira Popular de Lisboa se localizam numa zona que obriga à execução de trabalhos arqueológicos prévios, o que resultou na identificação de “um conjunto de realidades arqueológicas de cronologias variadas”.

Assegurando que os trabalhos estão a ser realizados em estreita articulação com a Direção-Geral do Património Cultural (DGPC), a empresa proprietária dos terrenos adiantou que, atualmente, está em execução “uma escavação arqueológica alargada, que permitirá a caracterização e registo de todas as realidades arqueológicas existentes na área em análise, cumprindo-se assim com o princípio legal da conservação pelo registo”. Neste momento, é possível observar “um conjunto de estruturas em positivo, edificadas em alvenaria de pedra e argamassa de cal de cronologias moderna e contemporânea”, referiu a empresa, revelando que a grande maioria das estruturas visíveis são de cronologia contemporânea (século XIX) e que, num plano inferior, podem observar-se estruturas de cronologia moderna, em alvenaria de pedra, e um conjunto de fossas, escavadas no sedimento argiloso existente, também executadas em período moderno (séculos XVII/XVIII).

“Sob estas realidades e já muito afetadas por estas ocupações mais recentes, podem observar-se alguns pisos e restos de muros resumidos às suas fundações de cronologia romana (vestígios ainda não intervencionados)”, informou a Fidelidade, em resposta escrita à agência Lusa.

A empresa destacou ainda a sua experiência nesta matéria, em resultado de outros empreendimentos imobiliários que desenvolveu recentemente e nos quais os temas de património arqueológico estiveram presentes, inclusive nos projetos desenvolvidos na zona ribeirinha de Lisboa.

Após a execução dos trabalhos arqueológicos nos terrenos da antiga Feira Popular de Lisboa e a aprovação dos respetivos relatórios por parte da DGPC, estarão “reunidas as condições para a execução das obras de construção civil previstas para o local”, esclareceu a empresa, sem avançar com uma data.

Em resposta à agência Lusa, a DGPC esclareceu que as operações urbanísticas previstas para os terrenos da antiga Feira Popular decorrem no âmbito da designada Unidade de Execução de Entrecampos, de iniciativa privada, em que se prevê a construção de edifícios destinados a escritórios, comércio e habitação.

“Para efeitos de gestão das intervenções futuras e em curso, foi implementada uma divisão da área em ‘A’ e ‘B’, recorrendo ao atual caminho de pé posto que liga diretamente a Avenida da República à Avenida 5 de Outubro, como eixo divisório”, apontou a DGPC, confirmando que os trabalhos arqueológicos decorrem desde finais de 2019.

Sobre a natureza dos vestígios já encontrados, a entidade responsável pela gestão do património cultural em Portugal continental disse que “não se confirmou, até ao presente, a existência de uma necrópole romana”, mas está documentada a presença de uma área de carácter habitacional desta época, embora o carácter muito preliminar dos trabalhos não permita adiantar informação fundamentada sobre datações ou funcionalidades.

“Disseminados por toda a área são observáveis materiais atribuíveis à pré-história recente (neolítico final-calcolítico, viragem do 4.º para o 3.º milénio a.C.). Registam-se em depósitos remobilizados de origem aluvionar e/ou coluvionar aparentando estar relacionados com o sítio arqueológico localizado a poente, no designado Loteamento das Forças Armadas”, adiantou a DGPC, acrescentando que na área ‘A’ foi identificada uma zona de ocupação humana que “de forma muito preliminar está a ser associada ao paleolítico”, mas a escavação deste espaço ainda não foi iniciada.

De acordo com a Câmara Municipal de Lisboa, o promotor das intervenções previstas para os terrenos da antiga Feira Popular de Lisboa “tem um Pedido de Informação Prévia aprovado, fase que antecede o pedido de licenciamento para o início das obras propriamente dito”, esclarecendo que os trabalhos que se desenvolvem no local resultam de um plano de sondagens e de subseqüentes escavações da responsabilidade do proprietário/particular, aprovados pela DGPC.

Em 2006, quando o terreno estava sob responsabilidade da Bragaparc, a empresa assegurou que as obras previstas acautelavam eventuais achados arqueológicos que pudessem existir no subsolo, após ter sido noticiada a possibilidade de existir um cemitério romano ou mesmo uma vila. Em dezembro de 2018, a Fidelidade Property comprou à Câmara de Lisboa todos os terrenos que integravam a hasta pública da antiga Feira Popular, dois lotes e uma parcela de terreno, por 238,5 milhões de euros.

Este leilão constituiu o arranque da chamada Operação Integrada de Entrecampos, que prevê a construção de 700 fogos de habitação de renda acessível naquela zona da capital (515 construídos pelo município) e de um parque de estacionamento público na Avenida 5 de Outubro. A operação está orçada em 800 milhões de euros, dos quais 100 milhões serão responsabilidade do município.

Nos terrenos da antiga Feira Popular vão nascer mais 279 habitações, que serão colocadas em regime de venda livre, e escritórios, que a autarquia prevê que levem à criação de 15 mil novos empregos.

Após a compra, a seguradora avançou, em comunicado de imprensa, que ia também nascer ali “a nova sede do grupo em Lisboa”.

(Fontes; Visão e agência Lusa)



As tristes Olimpíadas Racistas realizadas em 1904 simplesmente para divertimento dos brancos

Os chamados 'Dias Antropológicos' foram jogos considerados olímpicos realizados durante cerca de duas semanas antes dos Jogos Olímpicos de 1904, em Saint-Louis, nos Estados Unidos.

A proposta deste espectáculo era que os povos considerados primitivos pelo Ocidente, a exemplo dos zulus, os pigmeus africanos e alguns indígenas, disputassem as competições olímpicas, à semelhança das modalidades desportivas que se iriam realizar daí a pouco tempo entre atletas brancos de várias nações do mundo. No primeiro dia, os atletas negros seguiriam o programa do programa olímpico. No segundo dia, deveriam mostrar o que sabiam fazer, como subir rapidamente a uma árvore. Contudo, ficou rapidamente esclarecido que os "competidores" não detinham experiência nas modalidades olímpicas, tidas como exclusivas para os brancos. Claro que os seus desempenhos foram desastrosos.

Segundo Fabrice Delsahut, professor em ciências e técnicas de atividades desportivas da Universidade de Sorbonne, as disputas foram preparadas para americanos xenófobos, que, ao assistir às competições, reagiam com gargalhadas exuberantes. "As capacidades físicas", como explica Delsahut, "dos povos colonizados eram estudadas por cientistas, que assim mostrariam a presunçosa superioridade dos brancos colonizadores".

O evento fazia parte da 3ª Feira da Exposição Universal de Saint-Louis e celebrava a compra do território francês da Louisiana pelos Estados Unidos, em 1803.

Delsahut explica que os organizadores queriam ensinar o que seria o Cidadão Ideal, defendendo a importância da expansão colonial, em marcha nos EUA ao longo do século XIX.

A ideia não era diversificar os jogos, mas sim comparar as origens dos competidores. No caso de dois membros do povo zulu, Lantauw e Yamasani, por exemplo, a sua participação serviu apenas para provocar risos na platéia. Descalços e com chapéus de palha, tornaram-se uma espécie de atração. Na época, uma edição da Enciclopédia Britânica utilizou os resultados dos "Dias Antropológicos" para justificar uma suposta inferioridade dos negros no desporto.

As "Olimpíadas Racistas" então, com toda a pompa de um acontecimento mundial, foram uma das provas mais recentes da mentalidade branca em relação a outras etnias. Esta celebração da intolerância e brutalidade ocidental mostra que a tentativa de adequar uma cultura aos padrões de outra, feita de maneira forçosa e com objetivos cruéis, nunca funciona e é bastante violenta.



Primeira estátua de madeira do mundo é 7 mil anos mais antiga que Stonehenge

Peças do Ídolo de Shigir foram esculpidas há mais de 12 mil anos e tiveram material preservado graças ao ambiente de pântano nos Montes Urais, na Rússia. A mais antiga estátua de madeira do mundo foi esculpida há mais de 12 mil anos. É o que descobriram recentemente arqueólogos da Universidade de Gottingen, na Alemanha, e do Instituto de Arqueologia RAS e do Museu Regional de Sverdlovsk, ambos na Rússia. Chamado de Ídolo de Shigir, o objeto vem surpreendendo cientistas desde os anos 1990.

Encontrada pela primeira vez em 1890, na Rússia, a estátua de dez peças foi considerada na época apenas uma curiosidade, como algum tipo de totem. Por ser de madeira, material que se degrada facilmente com o passar do tempo, esperava-se que a escultura fosse de um período não muito distante na história da humanidade.

Mas só depois de um século, pesquisadores descobriram que se tratava de um objeto de milhares de anos que foi preservado no ambiente ácido e antimicrobiano de turfas no pântano de Shigir, localizado nos Montes Urais, na Rússia.

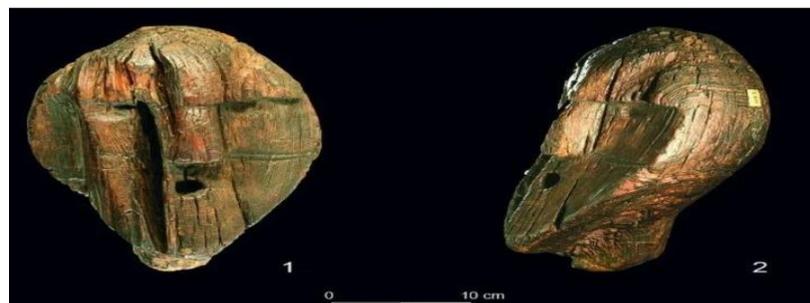
No final da década de 1990, os arqueólogos dataram a estátua, que mostra vários rostos que parecem máscaras, como tendo em torno de 9,75 mil anos de idade. Mas essa análise foi realizada numa amostra do lado exterior da madeira, que havia sido submetida a condições de preservação.

Em 2018, houve uma nova descoberta que revelou que a parte interior do objeto era quase 2 mil anos mais antiga e tinha mais de 11,6 mil anos. Mas não para por aqui, porque, a cada investigação que é feita, é como se a estátua fosse ficando mais velha.

Em estudo publicado na edição de janeiro de 2021 da Quaternary International, três arqueólogos conseguiram analisar a madeira da qual foi feita a escultura a partir dos anéis de crescimento do tronco. A árvore do tipo larix, uma conífera, tinha 159 anéis quando a estátua foi produzida, o que indica uma idade de 12,1 mil anos.

A data sugere que o objeto foi esculpido no final da Última Era Glacial, aproximadamente 7 mil anos antes do monumento Stonehenge ser construído no sul do Reino Unido, durante o período Neolítico.

Ainda não está claro para que é que a estátua foi usada. Mas as suas gravuras parecem conter informações criptografadas sobre espíritos ancestrais, a relação entre Terra e o céu ou um mito da criação, conta Svetlana Savchenko, curadora do artefato.



O Historiador Pedro Bugarin chamou a devida atenção para o abandono da Tapada das Necessidades. Um artigo oportuno, inteligente e de alguém com um espírito cívico atento e que sempre se pautou pela luta de boas causas.

Artigo de Pedro Bugarin

Os portugueses detestam jardins, plantas, e florestas.

A ideia não é original nem é minha. Nasce da experiência empírica e foi notada desde sempre inclusive por quem vê desde fora. Desde o Séc. XVIII que são vários os relatos de autores estrangeiros que o fazem notar com incredulidade e espanto.

A mais recente prova desta realidade é o projecto aprovado pela CML para a requalificação da Tapada das Necessidades.

Este jardim murado (desde o séc. XVIII) de 10 hectares é provavelmente o mais importante jardim histórico da cidade de Lisboa. Desconhecido de muitos, inclusive dos lisboetas, este magnífico jardim entrou em decadência após o fim da monarquia. Durante décadas, foi entregue ao cuidado dos serviços do Ministério da Agricultura; contudo, cuidado foi o que nunca existiu! Ao longo dos anos ali foi autorizada a construção de uma escola primária, propriedade da CML (Escola básica Fernanda de Castro) . Um pré-fabricado que nunca deveria ali ter sido construído e que ainda hoje se mantém, intra-muros em pleno parque. Anos depois, em 1974, outro atentado patrimonial foi concedido ao Ministério da Defesa Nacional que ali fez construir (também intra-muros) o edifício sede do Instituto de Defesa Nacional, destruindo para o efeito o picadeiro Real.

Este espaço que foi em tempos o jardim do Palácio Real de Lisboa; onde durante décadas trabalharam paisagistas, arquitectos e jardineiros; onde o Rei D. Fernando II juntamente com os seus filhos estudaram botânica, criaram viveiros e fizeram as primeiras experiências que mais tarde dariam forma ao Parque da Pena ,e ali fundaram uma escola de jardineiros; onde D. Pedro V erigiu uma belíssima estufa, entre muitas outras singularidades como seja o jardim dos cactos (único em Portugal) ; e onde o Rei D. Carlos instalou o seu atelier de pintura "Casa do Regalo" é hoje um espaço decadente e abandonado.

Desde 2008 a gestão deste espaço foi entregue à CML, que então prometia reabilitar o local. Contudo, nunca houve dinheiro nem vontade de recuperar este jardim único, pleno de história e de memórias. Agora, e depois de anos de decadência, que apesar de tudo mantiveram alguma autenticidade àquele espaço, eis que a CML apresenta um plano de recuperação que mais não é que o golpe de misericórdia ao histórico jardim.

Através de contrato celebrado com uma empresa (Banana Café Emporium) o município autoriza a demolição do antigo jardim zoológico, assim como de algumas das construções históricas; autoriza a construção de quiosques, esplanadas, restaurante, espaços expositivos, um espaço de cowork e um auditório para eventos. Last but not least, a possibilidade da entrada de carros dentro da Tapada e possível estacionamento.

Não será necessário dizer que em qualquer sociedade evoluída e madura democraticamente, o que significa culturalmente preparada, isto jamais poderia acontecer.

É imperioso que os lisboetas em particular, mas os cidadãos no seu conjunto, porque de património cultural insubstituível se trata, façam parar esta barbaridade.

A Tapada das Necessidades é única no seu género em Portugal e como preciosidade deve ser tratada.

O espaço de acesso público com excepção de dois jardins entregues ao cuidado do MNE, que nem por isso os tem bem cuidados (Jardim das Aulas e Jardim de Buxo) é um conjunto de lagos ao abandono, canteiros que mais não são que matas descuidadas, estatuária decapitada, caminhos desfeitos.

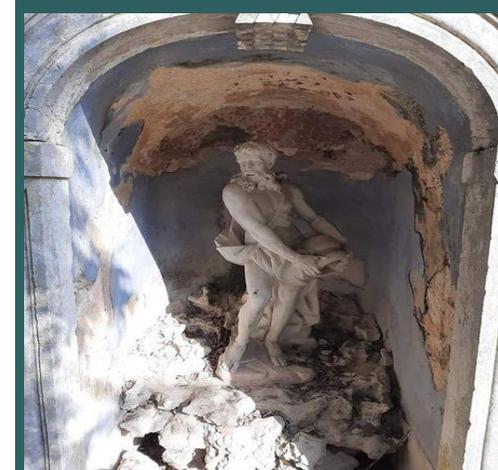
Está a circular uma Petição para ser entregue à CML apelando à revisão e alteração deste projecto de requalificação que mais não é que um atentado de lesa património.

Apelo igualmente a que assinem esta petição e sejam promotores da defesa deste Jardim Histórico.

<https://peticaopublica.com/pview.aspx?pi=tapadanecessidades>



Imagens dos espaços degradados Da Tapada das Necessidades



FERREIRA DE CASTRO

Texto de Álvaro Nunes

José Maria Ferreira de Castro (1898-1974), insigne escritor e conceituado jornalista, encontra-se imortalizado no concelho vimaranense, quer na sua toponímia local, quer pelo busto inaugurado nas Caldas das Taipas, em 19 de Abril de 1971, já lá vão 50 anos.

Com efeito, naquela data, o Círculo de Arte e Recreio, presidido por J. Santos Simões, promoveria uma homenagem ao escritor, que assiduamente veraneava naquela amada vila taipense. Realmente, “A terra onde a lua fala”, assim a denominou e titulou o escritor em artigo publicado do “Notícias de Guimarães” de 29 de Setembro de 1963, foi um dos seus espaços sentimentais em que “o senhor do chapéu” conviveria e faria amizades, quer entre o povo anónimo rendido à sua simplicidade e bonomia, quer entre admiradores da sua obra, ora pelo poder cativante da sua mensagem em prol dos deserdados ora pelo seu humanismo social novo. Evocar Ferreira de Castro (FC) neste terno preito de há 50 anos, é por conseguinte não só um modo de ressuscitá-lo para além da sua (re)leitura, como também presentificar a história local mais recente, que o busto do escultor António Duarte perpetua. De facto, nesse dia, presente na cerimónia, acompanhado da sua esposa, Ferreira de Castro, sempre avesso a homenagens, comover-se-ia com as palavras alusivas de Santos Simões, José de Oliveira (Presidente da Junta de Caldelas) e do crítico Arsénio Mota, bem como da mensagem de saudação do grande amigo e escritor brasileiro Jorge Amado, que não pudera estar presente.

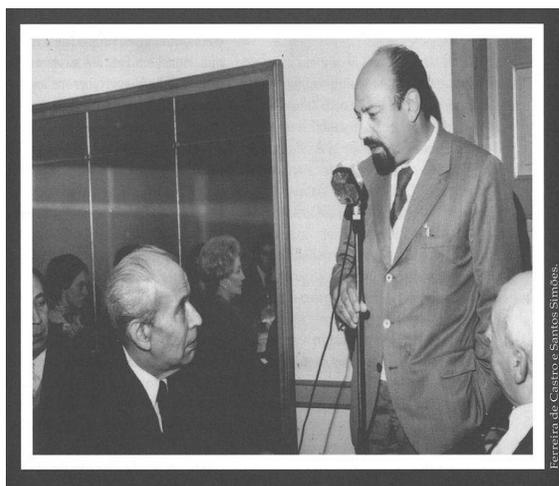
Ora, Ferreira de Castro foi de facto um dos proeminentes escritores portugueses do século XX, que soube ficcionar e plasmar como poucos a sua experiência pessoal de lutador e deserdado. Com efeito, nascido de pais pobres em Ossela (Oliveira de Azeméis) e órfão de pai ainda criança, cedo seria forçado a emigrar para o Brasil, com o objetivo conquistar o pão que o diabo amassou. Aí, no inferno verde da selva amazónica, no seringal do Paraíso e posteriormente em Belém do Pará, subsistindo em biscates como a colagem de cartazes ou embarcadiço da carreira fluvial do Oiapoque, cresceria e se fez homem. Um crescimento que faria a pulso e às suas próprias custas, com a simples instrução primária no alforge e muita vontade de se autoeducar, de moldes a almejar com anelo o seu sonho de ser jornalista.

Autodidata por educação, lutador determinado por natureza e sonhador sem limites, Ferreira de Castro acabaria por publicar no Brasil os primeiros textos jornalísticos e o primeiro livro “Criminoso por Ambição” (1916), que distribuiria porta a porta.

Vicissitudes similares passaria também em Portugal, quando regressa em 1919. Na verdade, como ilustre desconhecido nos meios jornalísticos, onde pretende trabalhar, vive os anos iniciais com dificuldades, em esporádicas colaborações dispersas em revistas e jornais nacionais que, como diz, representavam “o forno de onde me vinha o pão(...) me punha a mesa sóbria, substituía os fatos e os sapatos quando muito usados, me pagava os cigarros e os cafés”.

O jornalismo seria porém, além de fonte de sobrevivência, o caminho inicial para a literatura, em especial a partir de meados da década de 20 e inícios dos anos 30. Efetivamente após colaborações diversas no jornal “O Luso” e na revista “A Hora”, na qual escreve um artigo elogioso sobre Raul Brandão, bem como no suplemento literário do jornal operário “A Batalha” da Confederação Geral do Trabalho, FC passaria em 1927 a integrar a seção internacional do jornal “O Século” e a assumir a presidência do Sindicato de Profissionais da Imprensa de Lisboa; e, anos mais tarde, a assumir a direção do hebdomadário “O Diabo”, periódico de crítica literária e artística de oposição ao Estado Novo, no qual colaboraria também o vimaranense Abel Salazar, editando o seu “Pensamento Positivo Contemporâneo”, que divulgaria paulatinamente, em 51 artigos, os novos ideias do empirismo lógico europeu.

Foto de Santos Simões e Ferreira de Castro num janta no teatro jordão a seguir à inauguração do seu busto no dia 17 de Abril de 1971



Qual a História do dia das mentiras?

A versão mais difundida é de que a origem é do fim do século XVI, com a adopção do calendário gregoriano na Europa. Instituído pelo papa Gregório XIII em 1582 e que marcava o começo do ano no dia 1º de janeiro. Até então, como já era na Roma antiga, o ano começava em março.

No início, esta mudança gerou confusão. Por teimosia ou desconhecimento, os povos europeus continuaram a brindar o novo ano na data antiga, e as mentiras de 1º de abril teriam como mote esse equívoco.

Antes de Gregório, o calendário mais aceite por todos era o juliano. Criado no ano 45 a.C. por Júlio César (101 a.C.-44 a.C.). Este calendário estabelecia que o início do ano coincidia com o equinócio de primavera, entre 20 e 21 de março.

Mas, na Europa medieval, nem mesmo o calendário juliano era seguido por todos.

Muitas aldeias e paróquias celebravam o ano novo na festa da Nossa Senhora da Anunciação, em 25 de março. Outros esticavam o ano velho até dia 31 de março e só comemoravam a passagem do ano no dia 1º de abril.

A reforma do papa Gregório XIII terminou com todas as confusões ou pelo menos tentou.

A Inglaterra, por exemplo, só adotou a nova norma em 1752.

Apesar de ter se antecipado ao papa e, por ordem do rei Carlos IX, ter trocado de calendário já em 1564, a França só conseguiu impô-lo com a Revolução Francesa, em 1789.



FERREIRA DE CASTRO

Texto de Álvaro Nunes (continuação)

Ora, seria esta faceta de jornalista excelente, engajado e interventivo, que seria também motivo de outra homenagem nas Caldas das Taipas em 26 de Novembro de 1983, por parte do Gabinete de Imprensa de Guimarães, presidido por Luís Caldas, no âmbito do XII Encontro de Imprensa Regional.

Deveras, como Jornalista, legar-nos-ia peças imemorais como as Constituintes da II República Espanhola, a Revolta da Andaluzia e o plebiscito da Catalunha, ou a entrevista ao líder republicano irlandês Eamon de Valere, assim como preciosos trabalhos sobre o mutualismo, os albergues noturnos, as condições de vida nas minas de S. Domingos, ou as prisões portuguesas, como o Limoeiro, onde se infiltrara com a convívência dos reclusos. Peças únicas que muitas vezes seriam proibidas pela censura, ainda que algumas hajam sido recuperadas postumamente na obra “Os Fragmentos – um romance e algumas evocações” (1974).

Aliás, o combate à censura foi um dos seus porfiados cavalos de batalha, que o levaria anos mais tarde, desencantado, a abandonar o mister de jornalista. Reconhece-lhe todavia algo positivo; “a censura tem, porém, uma virtude: é demonstrar quanto vale ser homem livre, um povo livre”

No entanto, a luta de Ferreira de Castro passaria também pela sua intervenção política em torno do Movimento de Unidade Democrática (MUD), em prol da democracia, pela defesa testemunhal de antifascistas perseguidos pelo salazarismo, bem como pelo apoio a várias candidaturas oposicionistas, que inclusive o levariam a ser sondado para a candidatura à Presidência da República em 1958, que humildemente recusaria.

Todavia, é na sua obra que FC melhor espelha a sua matriz ideológica. De facto, embora defenda que “a literatura não tem obrigação de lutar e nem de salvar ninguém (...) não tem de estar vinculada a qualquer ismo”, ela assume-se do ponto de vista ético-social, na obra do autor, como um espelho fiel dos sentimentos e inquietações da época, numa expressão precursora do humanismo social, em prol dos humilhados e ofendidos.

E de facto assim seria com as obras de consagração. Em primeiro lugar, “Emigrantes” (1928) que através do protagonista Manuel da Bouça, se torna “o romance de todos os emigrantes”, e também dele próprio, que o sentiu na pele, pois como disse “o problema da emigração é dolorosamente familiar e que eu fui mesmo, porventura, o primeiro romancista português a tratá-lo com experiência própria”. Depois “A Selva” (1930), livro de duas pátrias (Portugal e Brasil),” pelo muito que sofreu durante os primeiros anos da minha adolescência e pela coragem que me deu pra o resto da vida (...) que há de registar a tremenda caminhada dos deserdados através dos séculos em busca do pão e da justiça”.

Livro que teria adaptações a cinema e série televisiva que a UNESCO anunciaria, em 1973, encontrar-se entre os dez romances mais lidos em todo o mundo.

No mesmo rumo seguir-se-iam “Eternidade” (1933) centrado na luta dos camponeses, operários e bordadeiras da Madeira, “Terra Fria” (1934), galardoado com o Prémio Ricardo Malheiro, focalizado nas pobres condições de vida das gentes barrosãs sujeitas à canga do “feudalismo” dos poderosos ou “A Lã e a Neve”(1947) que se assume como uma epopeia do trabalho do povo têxtil e do pastoreio da Serra da Estrela.

A este ciclo segue-se ainda um período de literatura de viagens, entre as quais se destacam “Pequenos Mundos e Velhas Civilizações”(1937), “A Volta ao Mundo” (1944) e “As Maravilhas Artísticas do Mundo”(1959), que em 1963 seria distinguido pela Academia de Belas Artes de Paris.

A esta fase segue-se uma outra direccionada para as realidades sociais e históricas, entre as quais publica obras como “A Curva da Estrada” (1950), “A Missão” (1954) e “Instinto Supremo” (1968) que o faz regressar à amazónia e que presumivelmente terá sido escrito parcialmente nas Caldas das Taipas.

Porém, uma vida e uma obra ímpar que o levaria à presidência da Sociedade Portuguesa de Escritores (1962), à recepção de galardões como o Grande Prémio Águia de Ouro do Festival do Livro de Nice (1970), cujo valor pecuniário investe na Biblioteca de Ossela, e ao Prémio da Academia do Mundo Latino (1971) em parceria com Eugenio Montale e Jorge Amado. Ademais, a ajuntar, duas indigitações para o Prémio Nobel da Literatura: em 1951 e em 1968, este último em companhia de Jorge Amado, apresentado pela União Brasileira de Escritores.

~Em sùmula, uma vida e obra que se complementam coerentemente e que terminaria em 29 de Junho de 1974.

Porém, uma existência vivida em plenitude que perenemente se evoca nas Caldas das Taipas, quer na simples condição de homem apaixonado pela terra, quer como cidadão exemplar dos valores de Abril, que ainda viveria o primeiro 1º. de Maio a gritar: “Escrever é lutar! Escrever é lutar”.

Assim, como afirmaria o poeta José Gomes Ferreira, no decurso do seu elogio fúnebre “Quando um amigo morre, que nos resta senão ressuscitá-lo?”

A evocação histórica do 17 de Abril de 1971, nas Caldas das Taipas, é uma forma de ressuscitação, que a leitura da sua obra e visita às suas casas-museus em Ossela e Sintra poderão complementar.

Qual a origem do dia das mentiras
(continuação)



Casamentos falsos

Essa confusão de datas suscitou vários tipos de brincadeiras. Entre as mentiras mais pregadas de abril, uma das mentiras mais populares era o anúncio de casamentos falsos, marcados para o dia 1º de Abril.

Arruaceiros também divulgavam cartazes com supostas normas reais de conteúdo jocoso.

Outra teoria para explicar o dia das mentiras defende que a data seria uma antiga festa romana.

“Em Roma já se pregavam mentiras durante o equinócio de primavera”, diz o historiador americano Joseph Boskin, professor da Universidade de Boston. De acordo com ele, estas festas deram origem ao Dia das mentiras inglês (o April Fool’s Day), também comemorado no dia 1º de abril.

“As mentiras de 1º de abril são anteriores à reforma do calendário por Gregório”. Assim, a mudança talvez só tenha reforçado um dia de piadas anterior.”

São várias teorias que reforçam a chegada inequívoca do dia das mentiras ao dia de hoje.

É uma tradição que se mantém com raízes muito antigas

Uma tigela de 35 euros numa venda de garagem tornou-se uma fortuna em leilão

Uma rara tigela chinesa do século XV comprada por 35 dólares em uma liquidação de garagem acabou de ser vendida por mais de 700.000 dólares.

Uma tigela de porcelana floral, comprada por 35 dólares em uma liquidação em Connecticut no ano passado, acabou de ser vendida por mais de 700.000 dólares num leilão da Sotheby's.

Só depois de ter a tigela avaliada por especialistas da Sotheby's é que o vendedor de quintal descobriu que havia comprado casualmente uma tigela chinesa rara do século XV.

Existem apenas seis outras tigelas como esta conhecidas em todo o mundo, informou a Live Science anteriormente.

Os especialistas estimam que a tigela, que tem a forma de um botão de lótus e pintada com padrões florais azul-cobalto, vale entre 300.000 dólares e 500.000 dólares. Mas na quarta-feira (17 de março), depois de uma batalha entre quatro licitantes no leilão de arte chinesa importante da Sotheby's em Nova York, a tigela foi vendida por 721.800 dólares, mais de 20.000 vezes o preço pedido na venda de garagem.



Um palácio de um bispo da idade média descoberto em Inglaterra

Numa pequena cidade no sudoeste da Inglaterra, uma equipa de construção contratada para construir um pré-fabricado comum descobriu inesperadamente um palácio de um bispo medieval.

A equipa descobriu fundações de paredes medievais "substanciais", depósitos no chão e uma lareira na cidade de Wiveliscombe, disse um porta-voz do South West Heritage Trust, uma instituição de caridade que trabalha na preservação e gestão de patrimónios ingleses. (O local está a ser coordenado por arqueólogos do South West Heritage Trust).

As ruínas são consideradas parte de um palácio do bispo da altura que remonta ao século 13, de acordo com o Somerset County Gazette. Vários bispos de Bath e Wells realizaram obras de construção no local, incluindo o bispo Drokensford (bispo de 1309 a 1329) e o bispo Ralph de Shrewsbury (bispo de 1329 a 1363).

No entanto o palácio foi provavelmente construído pela primeira vez pouco depois de 1256, de acordo com a Smithsonian Magazine



Descobertos ossos de cães datados entre cerca de 4.200 e 4.000 a.C.

Uma equipa de arqueólogos no noroeste do Reino da Arábia Saudita descobriu as primeiras evidências da domesticação de cães pelos antigos habitantes da região.

A descoberta veio de um dos projetos de pesquisas e escavações arqueológicas em grande escala da região encomendadas pela Royal Commission for AlUla (RCU).

Os arqueólogos encontraram os ossos de cão num cemitério que é uma das primeiras tumbas monumentais identificadas na Península Arábica. As evidências mostram que a utilização mais antiga da tumba foi por volta de 4300 aC e recebeu sepultamentos pelo menos durante 600 anos durante o Neolítico-Calcolítico – uma indicação de que os habitantes podem ter uma memória partilhada de pessoas, lugares e a conexão entre eles.

“O que estamos a descobrir vai revolucionar a forma como vemos períodos como o Neolítico no Oriente Médio. Ter esse tipo de memória, que as pessoas podem saber há centenas de anos onde os seus parentes foram enterrados – isso é inédito neste período e nesta região”, disse Melissa Kennedy, diretora assistente do projeto Arqueologia Aérea do Reino da Arábia Saudita (AAKSAU) – AlUla. “AlUla está num ponto em que começaremos a perceber o quão importante isto é para o desenvolvimento da humanidade em todo o Oriente Médio”, disse o diretor da AAKSAU, Hugh Thomas.

Esta é a primeira evidência de um cão domesticado na Península Arábica por uma margem de cerca de 1.000 anos.

Os resultados foram publicados no Journal of Field Archaeology.

A equipa do projeto, com membros sauditas e internacionais, concentrou os seus esforços em dois cemitérios acima do solo datados do 5º e 4º milénios aC e localizados a 130 quilómetros de distância, um em terras altas vulcânicas e outro em terras áridas. Os locais ficavam acima do solo, o que é único para aquele período da história da Arábia, e foram posicionados para máxima visibilidade. Foi no local das terras altas vulcânicas que 26 fragmentos de ossos de um único cão foram encontrados, ao lado de ossos de 11 humanos – seis adultos, um adolescente e quatro crianças.

Os ossos do cão apresentavam sinais de artrite, o que sugere que o animal viveu com os humanos até à velhice.

Laura Strolin, uma das arqueólogas da equipa, conseguiu demonstrar que era realmente um cão ao analisar um osso em particular, da pata dianteira esquerda do animal.

Os ossos do cão foram datados entre cerca de 4.200 e 4.000 aC.

A arte rupestre encontrada na região indica que os habitantes do Neolítico usavam cães para caçar outros animais.

O trabalho de campo descobriu outros artefatos dignos de nota, incluindo um pendente de madrepérola em forma de folha no local das terras altas vulcânicas e uma conta de cornalina encontrada no local.

Fonte: Greensavers



Um túnel medieval secreto foi descoberto perto do local de uma abadia do século 12 no País de Gales.

Alguns trabalhadores elétricos da Western Power Distribution (WPD) no País de Gales descobriram acidentalmente os túneis enquanto escavavam um buraco para um novo poste de eletricidade no quintal de um cliente em Monmouthshire, perto da fronteira com a Inglaterra. O sistema de túneis feito pelo homem tem 1,2 metros de altura e está situado ao lado de um riacho que atravessa a vila de Tintern e o Vale do Wye.

Não há registo dos túneis em construção, e os arqueólogos que agora os examinaram não têm certeza para que foram usados ou a que distância se estendem no subsolo.

"Logo após o início dos trabalhos de escavação, a equipa de escavação fez a extraordinária descoberta do que inicialmente pensaram ser uma caverna", disse Allyn Gore, técnico do WPD envolvido na descoberta, em comunicado. "Eu estive envolvido em escavações onde descobrimos antigos poços e porões mas nada tão emocionante e impressionante quanto isto."

A empresa de energia agora redirecionou o trabalho de manutenção dos túneis para permitir uma investigação arqueológica que pode levar anos para ser concluída, de acordo com o comunicado do WPD.

Origens desconhecidas Os túneis não aparecem em nenhum mapa da área criado pelo levantamento - a agência nacional de mapeamento do Reino Unido - que remonta ao século 18, de acordo com o WPD.

"Antes do início do trabalho, todas as verificações e permissões habituais estavam em vigor", disse Gore no comunicado. "Nada apareceu em nenhum dos nossos desenhos ou registos para indicar que havia algo incomum no local."

Os túneis também passam por baixo de uma trilha na vila. Os moradores desta vila têm caminhado por cima dos túneis durante séculos sem perceber.



Coelhos desenterraram artefactos da Idade da Pedra e do Bronze na Ilha de Skokholm.

Um bando de coelhos selvagens desenterrou tesouros arqueológicos de valor inestimável numa ilha na costa do País de Gales, no Reino Unido.

Os coelhos escavadores descobriram dois artefactos - uma ferramenta da Idade da Pedra de 9.000 anos e uma peça de cerâmica de 3.750 anos, provavelmente de uma urna partida da Idade do Bronze, de acordo com o Wildlife Trust of South and West Wales, que administra a Ilha Skokholm, onde os objectos foram encontrados.

Arqueólogos descobriram outros artefactos semelhantes no continente do Reino Unido, mas estas novas descobertas são as primeiras desse tipo na Ilha de Skokholm e indicam que houve humanos que visitaram ou viveram lá há milhares de anos.

A ilha, que fica a cerca de 2 milhas (3,2 quilômetros) da costa de Pembrokeshire, um condado no sudoeste do País de Gales, é conhecida pelas dezenas de milhares de aves marinhas que ali pssam nos meses de primavera e verão. A sua beleza natural e vida selvagem valeram lhe o apelido de "Ilha dos Sonhos".

Os achados arqueológicos ao longo dos anos mostraram evidências de povos pré-históricos nesta ilha, mas pouco se sabe sobre eles.

A partir de 1324, a Ilha Skokholm tornou se uma "instância" de coelhos pelos próximos 200 anos.

Parece que alguns dos descendentes desses coelhos fizeram a escavação para as últimas descobertas.

Agentes da polícia encontraram os artefatos perto desta toca de coelho na Ilha de Skokholm.

Os Agentes Richard Brown e Giselle Eagle, que estão a vigiar a ilha enquanto ela está bloqueada devido à pandemia, encontraram o artefato liso e oval da Idade da Pedra primeiro, enquanto estavam perto de uma coelheira. Eles descreveram a pedra como "uma pedra de aparência interessante" em uma postagem no seu blogue de 16 de março.

A dupla de agentes enviou por e-mail as fotos da pedra para Toby Driver, um arqueólogo da Comissão Real de Gales, que por sua vez entrou em contato com o especialista em ferramentas de pedra pré-histórica Andrew David. Assim que viu as imagens, David percebeu que a pedra era um achado significativo.

"As fotos eram claramente de um 'seixo' do final do Mesolítico (Idade da Pedra Média), uma ferramenta que se pensava ter sido usada em tarefas como a preparação de peles de foca para fazer embarcações revestidas com pele ou para processar alimentos como mariscos, entre comunidades de caçadores-coletores cerca de 6.000 a 9.000 anos atrás ", escreveu David num e-mail para os guardas.

"Embora esses tipos de ferramentas sejam bem conhecidos em locais costeiros do continente Pembrokeshire e Cornwall, bem como na Escócia e no norte da França, este é o primeiro exemplo de Skokholm e a primeira evidência firme da ocupação do Mesolítico final na ilha"

Este fragmento de cerâmica pode ter sido parte de uma urna funerária da Idade do Bronze.



Cleopatra: O verdadeiro rosto da última rainha do Egito

As características da rainha ptolomaica já foram estudadas, mas muitos ainda acreditam na versão hollywoodiana de Elizabeth Taylor em Cleópatra (1963)

Muitos de nós temos fixa na cabeça uma imagem de Cleópatra: branca, magra, bonita e com um nariz atraente. Essa imagem, retratada no filme Cleópatra (1963), é uma das principais construções da imagem da rainha.

Porém, não faz sentido que a beleza de Cleópatra seja fruto dos traços europeus. A rainha ptolomaica do Egito tinha influências helenísticas, núbias e semitas, o que está bem longe da imagem caucasiana conhecida. A dúvida que restava era: como então era o rosto de Cleópatra?

Em 2017, a egiptóloga Sally-Ann Ashton, da Universidade de Cambridge, embarcou numa pesquisa para reconstituir o rosto da rainha e elencar definitivamente os seus traços físicos.

Para tanto, Ashton utilizou diversas gravuras de moedas antigas e bustos ou esculturas que representavam a rainha no templo de Dendera para traçar o verdadeiro perfil étnico de Cleópatra.

A partir da pesquisa, foi possível concluir que Cleópatra tinha um grande nariz, queixo pontudo e lábios finos. Além disso, também tinha aproximadamente 1,52 m de altura e pele escura.

A Rainha Cleópatra VII Filopátor governou os reinos do Egito entre 51 e 30 a.C. e fazia parte da última dinastia de faraós. Ela governou durante a invasão romana e conseguiu manter a autonomia de seu reino relevante. De educação culta e tradicionalmente egípcia (mesmo sendo de ascendência macedônica), ela falava nove línguas.

(Fontes: André Nogueira, Aventuras na História)



Navio afundado na maior
esta semana por
mergulhadores
profundidade do mundo
foi visitado
Uma equipa de
mergulhadores

conseguiu chegar ao USS Johnston, o navio que está a maior profundidade do mundo, um contratorpedeiro da Marinha dos EUA que naufragou em 25 de outubro de 1944 após uma intensa batalha com os japoneses durante a 2 Guerra Mundial.

Os mergulhadores transportaram-se num submersível até o naufrágio. O navio, com cerca de 376 pés (115 metros) de comprimento e 39 pés (12 m) de largura na sua parte mais larga, foi afundado durante a Batalha do Golfo de Leyte. A maior e mais violenta batalha naval da história que há memória.

Os destroços foram descobertos pela primeira vez em 2019 na costa da Ilha de Samar, no Mar das Filipinas.

Na época, um veículo operado remotamente (ROV) registou partes dos destroços, mas não conseguiu alcançar as partes mais profundas. O naufrágio fica a cerca de 21.180 pés (6.456 m), ou o equivalente a cerca de 15 Empire State Buildings de profundidade.

Victor Vescovo, um ex-comandante da Marinha dos EUA financiou a nova expedição e pilotou o seu submersível, o DSV Limiting Factor, até o naufrágio durante dois mergulhos de oito horas, o mais profundo que qualquer ser humano ou submersível já fez para explorar um naufrágio.

Os mergulhadores pesquisaram e capturaram fotos de alta definição do navio (os outros dois mergulhadores que acompanharam Victor Vescovo no submersível eram o tenente aposentado da Marinha dos EUA Parks Stephenson, um historiador naval, e Shane Eigler, técnico especializado de submarinos).





Descoberto como funciona o 1º computador do mundo com 2000 anos

Os cientistas podem ter finalmente feito um modelo digital completo num dispositivo mecânico de 2.000 anos chamado mecanismo de Antikythera, que se acredita ser o primeiro computador do mundo.

Descobertos pela primeira vez em um naufrágio da era romana por mergulhadores gregos em 1900, os fragmentos de uma engenhoca do tamanho de uma caixa de sapatos, uma vez cheia de engrenagens e usada para prever os movimentos de corpos celestes, tem confundido e pasmo gerações de pesquisadores desde então. Os fragmentos descobertos constituíam apenas um terço de um dispositivo maior: uma caixa de engrenagens movida à mão altamente sofisticada, capaz de prever com precisão os movimentos dos cinco planetas conhecidos pelos gregos antigos, bem como o sol, as fases da lua e os eclipses solar e lunar - exibindo todos eles em relação aos tempos de eventos antigos.

Escondidos numa caverna no deserto. Arqueólogos descobrem fragmentos de textos bíblicos

Os textos encontrados datam do século II e deverão ter sido escondidos durante uma revolta judaica contra o Império Romano, há 1900 anos.

Arqueólogos israelitas anunciaram a descoberta de dezenas de novos manuscritos do Mar Morto incluindo um texto bíblico numa caverna onde se acredita ter sido escondido durante uma revolta judaica contra o Império Romano, há 1.900 anos. Os fragmentos de pergaminho apresentam linhas de texto em grego dos livros dos profetas Zacarias e Naum.

De acordo com a Autoridade Israelita de Antiguidades, os fragmentos submetidos ao sistema de datação por carbono são do século II, sendo os primeiros a serem encontrados no deserto a sul de Jerusalém em mais de 60 anos.

Os investigadores admitem que as novas peças encontradas podem pertencer aos fragmentos de pergaminho encontrados no local conhecido como a “Caverna dos Horrores”, por terem sido encontrados 40 esqueletos humanos durante escavações nos anos 1960.

Acredita-se que os textos tenham sido escondidos durante a revolta Bar Kochba, uma sublevação armada contra Roma durante o período do Imperador Adriano, entre os anos 132 e 136 d.C.

Escondidos numa caverna no deserto. Arqueólogos descobrem fragmentos de textos bíblicos

Os artefactos foram encontrados durante as investigações da Autoridade Israelita de Antiguidades do deserto de Judeia no sentido de serem evitadas pilhagens.

Os Pergaminhos do Mar Morto, uma coleção de textos judaicos encontrados em cavernas do deserto, perto de Qumran, nos anos 1940 e 1950, datam do período entre o século III A.C. e o século I D.C.



Igrejas cristãs descobertas no Egito com 1,5 mil anos neste mês de Março e que nos fazem conhecer como os monges viviam

São as três primeiras igrejas encontradas no deserto ocidental do Egito e que datam do IV aos VII séculos D.C.

Trata-se de três igrejas primitivas e seus aposentos adjacentes, alguns rabiscados com escritos bíblicos antigos.

A nova descoberta está a lançar muito conhecimento sobre a vida que os monges levavam dentro da Igreja Copta do Egito antigo, de acordo com o comunicado Ministério de Turismo e Antiguidades daquele país.

Esta não é a primeira descoberta da equipa na região. Em 2020, os arqueólogos encontraram 19 câmaras esculpidas na rocha, além de uma igreja que também tinha inscrições.

Estes escritos eram "textos em tinta amarela que incluíam escritos religiosos da Bíblia em grego, reflectindo a natureza da vida monástica na região", Victor Ghica, chefe da missão e professor de antiguidade e primeiros estudos cristãos no MF Norwegian - Escola de Teologia, Religião e Sociedade, disse no seu comunicado “Os escritos referiam-se a um conjunto de monges que viviam na região desde o século V D.C.”

Esta estrutura encontrada também contava com refeitório e salas residenciais para os monges.

Os arqueólogos no local também encontraram “óstracos” que são pedaços de cerâmica com mensagens gregas escritas neles, como mensagens de texto antigo - datando dos séculos V e VI D.C.

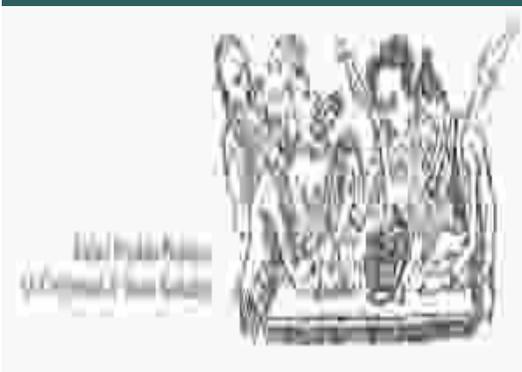
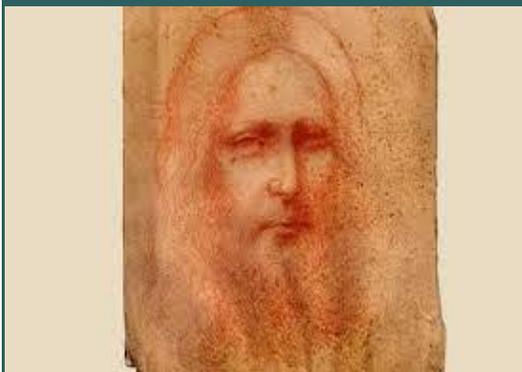


Descoberta de desenho poderá ser de Leonardo Da Vinci

De acordo com informações do jornal The Telegraph, investigadores italianos acreditam que um esboço descoberto recentemente pode ter sido feito por um dos maiores artistas da História, Leonardo da Vinci.

Segundo revelado na reportagem, o desenho em questão ficou durante anos escondido numa coleção particular. Trata-se de uma pintura de Jesus Cristo feita em giz vermelho. Os investigadores atribuíram semelhanças consideráveis com o estilo do artista e também com outras obras de da Vinci.

"A representação da barba é praticamente a mesma dos retratos de Leonardo [...] É uma pintura a giz vermelho, muito utilizado pelo pintor, inclusive nos esboços da "Última Ceia", afirma a historiadora Annalisa Di Maria. Agora, o esboço passará por diversas análises a fim de que sua origem possa ser verdadeiramente atribuída.



As conferências do Casino

Em Maio de 1871, já lá vão 150 anos, um grupo de jovens escritores e intelectuais portugueses, passaram a reunir-se em Lisboa, após os estudos em Coimbra, constituindo o denominado grupo do Cenáculo, prolongando na capital as discussões intelectuais dos tempos académicos. Ora, é nesta esteira que a 18 de Maio de 1871 seria publicado no jornal Revolução de Setembro o manifesto-programa das chamadas Conferências Democráticas, que vão ter início a 22 de Maio numa sala alugada do Casino Lisbonense e como tal ficariam conhecidas por Conferências do Casino.

Cinco conferências cujo manifesto apontava, entre outros pontos, para as preocupações com a transformação social, moral e política dos povos, em especial em “ligar Portugal com o movimento moderno, fazendo-o assim nutrir-se dos elementos vitais de que vive a humanidade”.

Deste modo, como preconizava o programa-manifesto visava-se “agitar na opinião pública as grandes questões da Filosofia e da Ciência Moderna e estudar as condições da transformação política, económica e religiosa da sociedade portuguesa”.

Com efeito, assinado por 12 intelectuais portugueses como Antero de Quental, Eça de Queirós, Jaime Batalha Reis, Oliveira Martins, Manuel de Arriaga e Teófilo Braga, entre outros, as Conferências do Casino lançariam um movimento de ideias novas e revolucionárias, tendo como base a leitura de Proudhon e tendo em vista a divulgação da crítica positivista à maneira de Taine, o evolucionismo de Darwin e as teorias de Marx e Engels. Como é óbvio, um movimento que para além da expressão do realismo artístico como novo ideal de vida e a crença no progresso das sociedades, vislumbrava horizontes mais longínquos e vastos, como: “o estudo das ideias que devem presidir a uma revolução, de modo que para ela a consciência pública se prepare e ilumine (...)” Entre as cinco conferências, as primeiras duas iniciais por Antero, e a quarta por Eça que abordou “A Literatura Nova – o realismo como nova expressão de Arte”, participaria ainda Augusto Soromenho que falaria sobre a “Literatura Portuguesa” e Adolfo Coelho sobre “A Questão do Ensino”.

Porém, duas conferências sobressairiam. Eça, com um novo grito de revolta contra as tradições literárias vigentes, em especial ao romantismo, lançando um novo roteiro do pensamento humano, que o escritor defende como sendo “a anatomia do carácter, a crítica do homem.” Ou, como adiante detalha “é a arte que nos pinta a nossos próprios olhos – para nos conhecermos, para que saibamos se somos verdadeiros ou falsos, para condenar o que houver de mau na nossa sociedade (...)”. No entanto, a segunda preleção de Antero, intitulada “Causa da Decadência dos Povos Peninsulares” seria porventura e globalmente a mais incisiva. De facto apontando o dedo acusador ao catolicismo posterior ao Concílio de Trento - que desvirtuara a essência do cristianismo, bem como à monarquia absoluta, que coartava as liberdades; e ainda indigitando as conquistas ultramarinas como fatores de hábitos funestos de ociosidade e grandeza, Antero identificava os três males ibéricos e as causas da decadência, propondo alternativas: a consciência livre, a ciência, a filosofia e a crença na renovação da Humanidade; a federação republicana com larga democratização da vida municipal; a transição para o novo mundo industrial do socialismo, a que pertence o futuro.

Era o seu conceito de Revolução que, conforme expressaria em síntese na sua conferência, passava pelo cristianismo

“O Cristianismo foi a Revolução do mundo antigo: a Revolução não é mais do que o Cristianismo do mundo moderno”.

Como afirmaria Eça nas Farpas, “era a primeira vez que a Revolução sob a sua forma científica tinha em Portugal a sua tribuna”, sob os auspícios de Taine, Proudhon e os acontecimentos de Paris, nomeadamente a proclamação da Comuna em 18 de Março de 1871

Efetivamente, cinco conferências que abalariam as instituições vigentes da época, mas que acabariam de ser encerradas por portaria de 26 de Junho de 1871, pois, como na altura se justificou, “procuram sustentar doutrinas e proposições que atacam a religião e as instituições políticas do Estado (...) e ofendem clara e diretamente as leis do reino e o código fundamental da monarquia”. Como sempre a lei da rolha, que Rafael Bordalo Pinheiro caricaturou como “Os Conferentes de Bocas Rolhadas”, que o seu desenho da época bem elucida —(ver imagem)

Álvaro Nunes

Sabia que o tetraneto brasileiro de D. Pedro IV de Portugal e Imperador do Brasil nasceu no dia da revolução dos cravos e é apelidado de príncipe republicano no Brasil?

João Henrique de Orléans e Bragança, Príncipe de Orléans e Bragança, popularmente conhecido como Dom Joãozinho ou Príncipe Dom Joãozinho (25 de abril de 1954), é um fotógrafo e empresário brasileiro.

É o filho primogênito de João Maria de Orléans e Bragança e da egípcia Fátima Scherifa Chirine. Sua mãe, quando conheceu seu pai, no Egito, já estava divorciada de Hassan Omar Toussoun, Príncipe de Alexandria, cujo título não conservou após o desquite.

Pertencente ao Ramo de Petrópolis da Família Imperial Brasileira, João Henrique é neto de Pedro de Alcântara de Orléans e Bragança, que, a 30 de outubro de 1908, abdicou dos seus direitos, por si e por sua futura descendência, à linha de sucessão ao trono brasileiro.

João Henrique é bisneto da última princesa imperial do Brasil, Isabel do Brasil, e do príncipe imperial consorte do Brasil, Gastão de Orléans, Conde d'Eu, sendo trineto do último Imperador do Brasil, Pedro II do Brasil, e tetraneto de Pedro I do Brasil. O jornal Folha de S. Paulo chamou-o de "Príncipe Republicano"



A ideia original de "Cozinha Económica" para os trabalhadores na origem da criação do Lar de Santo António em Guimarães

A Casa dos Pobres de Guimarães, mais conhecido por Lar de Sto. António teve uma ideia original na origem dos seus estatutos em Guimarães de "fazer inveja" a muitas instituições sociais dos dias de hoje.

A criação de uma "Cozinha Económica" que não seria mais de que uma cozinha destinada a fornecer alimentação a preços módicos às classes proletárias fazia parte do seu projeto social em Guimarães.

Embora anexa à Casa dos Pobres teria um carácter independente com regulamento próprio e funcionamento próprio autónomo da Casa dos Pobres. (art.7, 2- dos estatutos de 1934).

Esta ideia apareceu com a sua fundação em 1934 e surgiu da cabeça de três membros efectivos de uma Comissão Fundadora; João Teixeira de Aguiar, Ricardo de Freitas e o Padre Augusto José Borges de Sá e por mais três substitutos: Joaquim Laranjeiro dos Reis, Adelino Jorge e o Padre Luís Gonzaga da Fonseca.



Sabia que pode desejar aos seus amigos "Boa Páscoa" até ao próximo Domingo? Saiba a História da existência da "Pascoela"

A Pascoela é um termo muito antigo e que ocorre sete dias depois da Páscoa, correspondendo ao domingo seguinte ao domingo de Páscoa, também denominado Dia da Misericórdia de Deus, oitava da Páscoa ou Quasímodo.

Estas duas últimas designações, embora ainda se usem, eram mais utilizadas antigamente, celebrando-se a oitava noutras liturgias importantes da Igreja, prática caída em desuso quando da reforma do calendário religioso após o Concílio do Vaticano II.

A Pascoela simboliza o prolongamento do próprio domingo de Páscoa, numa atitude festiva da Igreja e dos fiéis, podendo dizer-se que representa uma espécie de diminutivo da palavra Páscoa.

Desta forma pode continuar a desejar "Boa Páscoa" aos seus amigos como se fazia antigamente durante esta semana até ao próximo Domingo.

Recorde-se que o baptismo dos primeiros Cristãos adultos ocorria durante a Vigília Pascal, ritual que continua a manter-se, sendo a quadra da Páscoa a preferida desde os primórdios da religião cristã para se efectuarem os baptismos dos catecúmenos.

Daí, chamar-se também ao domingo de Pascoela o domingo In Albis (domingo branco), devido ao facto dos catecúmenos utilizarem (como nos dias de hoje) vestimentas brancas no acto do baptismo, celebrado depois, festivamente, por toda a semana que decorria desde o domingo de Páscoa ao domingo de Pascoela.

Nos dias actuais, à semelhança de outrora, os baptismos continuam a realizar-se por toda a semana que medeia estes dois domingos, embora, por tempos idos, apenas nesta época do ano a Igreja procedesse à imposição do baptismo. Hoje já assim não é, mas continua a verificar-se a preferência da quadra pascal para se efectuar o baptismo, sobretudo das crianças.

Na tradição popular, é durante a celebração da missa do Senhor no domingo de Pascoela – quando esta se realiza às três horas da tarde em ponto – que, «ao pedir-se uma graça, ela será atendida».



Embaixador Maia encontrado em túmulo com causas da morte "obscuras"

O embaixador maia, um homem chamado Ajpach Waal, ajudou a negociar uma aliança entre duas dinastias poderosas - o rei maia de Copán, nas atuais Honduras, e o rei maia de Calakmul, no atual sul do México, de acordo com os hieróglifos. Mas quando a aliança fracassou, a sorte de Ajpach Waal desmoronou e ele morreu em relativa obscuridade. A descoberta revela que fazer política pode elevar ou derrubar a posição de "uma elite não real na sociedade maia do período clássico tardio (600-850 dC)", os investigadores afirmaram que "pouco se sabe sobre suas experiências de vida e práticas de necrotérios." A equipa de Historiadores traduziu os hieróglifos encontrados numa escada perto do túmulo e ficaram a saber que o homem enterrado havia viajado 560 quilômetros em 726 DC para se encontrar com o rei de Copán, na esperança de estabelecer uma aliança entre Copán e o rei de Calakmul, perto de El Palmar. Os hieróglifos referiam-se a Ajpach Waal como um "lakam", ou seja um embaixador que carregava uma bandeira enquanto caminhava entre as cidades em missões diplomáticas. Ajpach Waal herdou esta posição do seu pai e, de acordo com os hieróglifos, sua mãe também veio de uma família de elite não real. Os hieróglifos também nos contam Ajpach Waal construiu a plataforma onde foi enterrado logo após sua missão número 726. Estas plataformas só podiam ser construídas por indivíduos poderosos e eram frequentemente usadas como palcos onde o público assistia a rituais. O arqueólogo Kenichiro Tsukamoto (ver foto) chefe da escavação arqueológica e professor assistente de antropologia na Universidade da Califórnia, em Riverside, encontrou o enterro do antigo embaixador numa pequena câmara sob o piso de um templo adjacente à plataforma. No entanto, apesar do status de elite de Ajpach Waal, este embaixador foi enterrado com apenas dois potes de barro decorados que representam um "obscuro" ritual de fogo.

Uma análise aos seus dentes e restos esqueléticos contam nos que estava doente ou desnutrido quando era criança e que, quando adulto, teve problemas de saúde, incluindo artrite e problemas dentários.

"A sua vida não é como esperávamos com base nos hieróglifos", afirma Tsukamoto "Muitas pessoas dizem que a elite gostava de suas vidas, mas a história geralmente é mais complexa." O esqueleto enterrado na câmara, que provavelmente é Ajpach Waal ou então do seu estimado pai, morreu entre as idades de 35 e 50, segundo uma análise óssea. Quem quer que fosse, o homem tinha um sorriso involuntário. Os seus dentes frontais superiores haviam sido perfurados para segurar implantes decorativos feitos de pirita e jade - minerais valiosos na época - descobriram os arqueólogos. Certas elites maias costumavam receber estes implantes dentários quando atingiam a puberdade.

O homem maia tinha incrustações dentais de jade e pirita, embora uma das incrustações tenha caído quando ele era adulto.

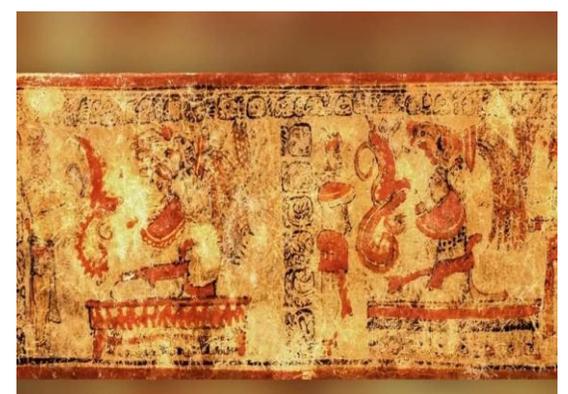
A parte de trás do crânio do homem era ligeiramente achatada, uma característica que se desenvolve quando as cabeças dos bebés são colocadas contra uma superfície plana por longos períodos sendo uma técnica considerada atraente entre os maias da época. A parte frontal do crânio do homem não foi preservada. Essa prática de achatamento frontal era limitada a indivíduos reais maias. Os restos mortais do homem mostraram sinais de problemas dentários, incluindo dentes perdidos por doença gengival. Além disso, os seus braços apresentavam evidências de periostite curada (tecido conjuntivo inflamado próximo ao osso), possivelmente causada por infecções bacterianas, trauma, escorbuto ou raquitismo.

Além disto, ambos os lados do seu crânio tinham regiões porosas e esponjosas, indicativas de uma condição chamada hiperostose porótica, que é causada por escassez nutricional ou doença na infância. Essa condição é encontrada nos restos mortais de muitos indivíduos maias, mas é interessante que o status de elite desse homem não o protegeu de desenvolvê-la. Apesar do status de elite do homem, apenas dois vasos foram encontrados em seu túmulo, um deles representa um pássaro parecido com um corvo-marinho. O homem também curou fraturas na tíbia direita, possivelmente por jogar o famoso jogo de bola dos maias, disseram os pesquisadores. A artrite nas suas mãos, cotovelo, joelho, tornozelo e pés pode ter sido causada pela bandeira que ele teve que carregar nas suas missões diplomáticas. Mas estes problemas de saúde não eram as únicas preocupações do homem.

"O governante de uma dinastia subordinada decapitou o rei de Copán 10 anos depois de sua aliança com Calakmul, que também foi derrotada por uma dinastia rival na mesma época", disse Tsukamoto. "Vemos a instabilidade política e econômica que se seguiu a esses dois eventos no sepultamento esparso e num dos dentes incrustados."

Uma análise do dente canino direito do homem revelou que uma das incrustações havia caído, o que teria deixado um buraco constrangedor que ficaria visível quando ele falava. O inlay não foi substituído, de acordo com um exame da placa dentária que havia endurecido em cálculo no orifício.

Talvez a utilidade desse homem como embaixador tenha sido rejeitada, em parte, por causa dos seus dentes. Os maias continuaram a morar em El Palmar depois do homem ter morrido, mas não durou muito; eventualmente, a cidade foi abandonada e a selva tomou conta da cidade





 **grupo isidoro**
DESDE 1973

REINVENTAMOS O PRESENTE, CONSTRUIMOS O FUTURO



globalsoft-cbsc
Cloud Business and Software Consulting



TAKE AWAY
GRUPO VILA MARITA





DESDE GUIMARÃES COM MÚLTIPLOS SETORES, PRESENTES EM VÁRIOS PAÍSES



Construção e conservação de obras rodoviárias e aeroportuárias



Obras marítimas, proteção costeira e marinas



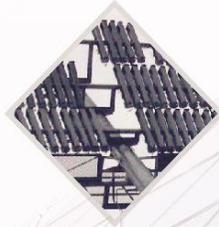
Sinalização e segurança rodoviária



Requalificações urbanas e infraestruturas integradas



Habitação e Construção Civil



Infraestruturas elétricas e soluções de energia



Infraestruturas hidráulicas, águas e saneamento



Centros logísticos e empresariais



Complexos desportivos e soluções urbanas



Agropecuária e agricultura



Ambiente - Resíduos

Rua João Oliveira Salgado, nº 385,
4810-015 Costa - Guimarães
www.mca-group.com

O Grupo Correio de Guimarães passou a comercializar a revista Diplomática e a Eles e Elas. Faça já a sua encomenda!

www.facebook.com/correiodeguimaraes.com

Participe no nosso jornal:

Escreva-nos uma sugestão, um texto e/ou uma opinião e envie-nos para o endereço:

correiodeguimaraes@gmail.com

Proprietário Paulo Freitas do Amaral
Dep. Legal 454380/19
Diretor Paulo Freitas do Amaral
Impressão: Avegráfica



ELES & ELAS

